



Open Finance no Brasil

Cinco anos de transformação
e uma agenda para o futuro.

Zetta

Uma publicação da Zetta
2026

Open Finance no Brasil

Cinco anos de transformação e uma agenda para o futuro

Zetta

Introdução 5

Avanços e impactos
do ecossistema 11

O veredito internacional:
Open Finance como motor
de competição e redução
do custo de crédito 29

Percepção da população
sobre o Open Finance 41

Desafios enfrentados pelo
ecossistema e propostas
de melhoria 59

Novos produtos e agenda
evolutiva - Propostas Zetta 77

Conclusões da Zetta sobre
os próximos passos 91

Zetta

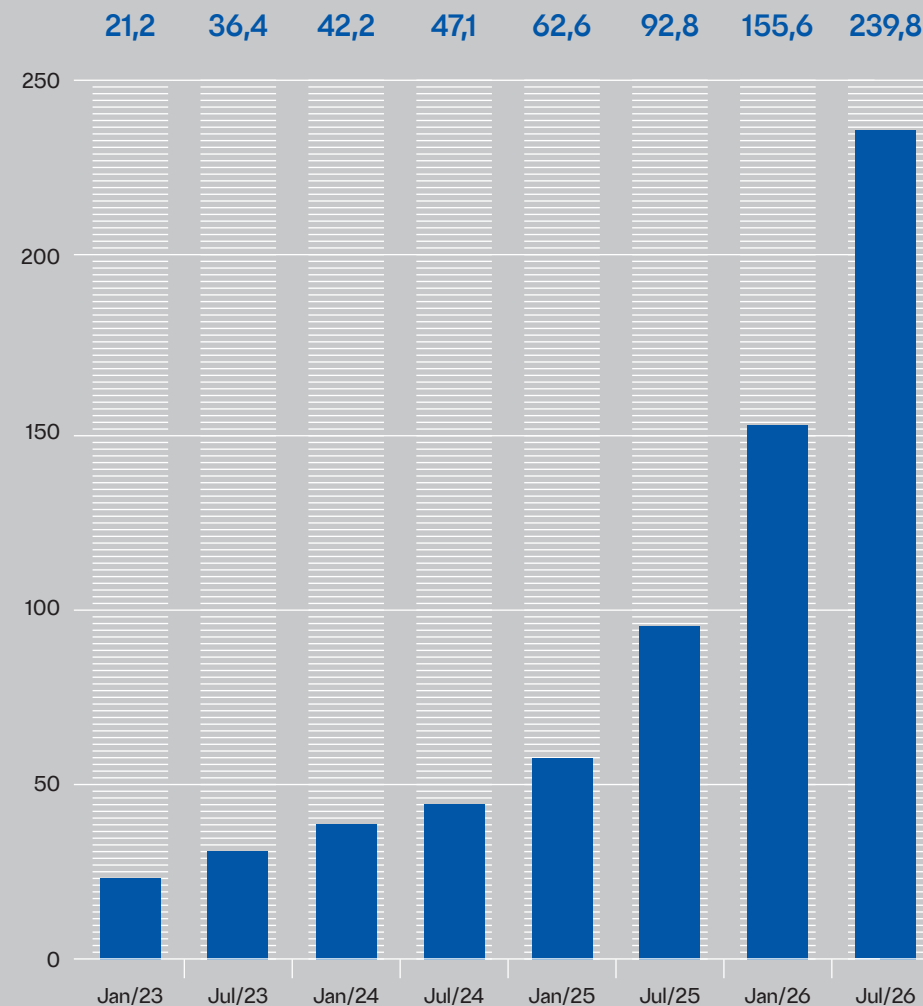
Introdução

Cinco anos. Foi esse o tempo que o Open Finance levou para deixar de ser uma promessa regulatória e se tornar a maior infraestrutura de compartilhamento de dados financeiros já construída no Brasil. Quase 240 milhões de consentimentos ativos depois, a pergunta não é mais se o modelo funciona, e sim o que fazer para que funcione melhor.

O Open Finance brasileiro completou, em fevereiro de 2026, cinco anos de existência. O período foi marcado por uma evolução acelerada: o sistema deixou de ser uma promessa regulatória para se tornar uma infraestrutura de dados e serviços financeiros que já atingiu quase 240 milhões de consentimentos ativos, com centenas de instituições participantes que trocam dezenas de bilhões de chamadas de API por mês¹. Poucos países no mundo alcançaram, em tão pouco tempo, um ecossistema de compartilhamento de dados financeiros dessa magnitude, sustentado por uma estrutura regulatória robusta.

¹<https://dashboard.openfinancebrasil.org.br/transactional-data/active-consents/receivers> (consulta em 18/ago/2026).

Consentimentos ativos no Open Finance Brasil



Fonte: <https://dashboard.openfinancebrasil.org.br/>

Para além dos números, o Open Finance brasileiro passou a ser reconhecido como um instrumento relevante de política pública para promover inovação, ampliar a concorrência no sistema financeiro e contribuir para a redução do custo do crédito e do spread bancário no Brasil. Ao reduzir as assimetrias de informação, o Open Finance devolve ao consumidor a propriedade sobre os próprios dados financeiros e cria condições adequadas para a oferta de serviços mais acessíveis. Além do efeito pró-competitivo, o Open Finance contribui para a estabilidade do ecossistema financeiro, na medida em que amplia a base de informação disponível para a tomada de decisão de crédito e para o próprio monitoramento de riscos pelas instituições participantes.

Diferentemente da experiência britânica, pioneira, mas restrita a dados bancários e a um número menor de instituições, o Brasil optou por um modelo mandatório, com escopo amplo de dados e serviços, gratuito para o consumidor e sustentado por uma estrutura de governança própria e participativa, que contempla diferentes setores do sistema financeiro e de pagamentos. Não por acaso, autoridades de diversos países encontram no modelo nacional uma das principais referências e estudos de caso para o desenvolvimento do Open Finance, o que reforça os impactos positivos deste modelo, assim como a responsabilidade da comunidade regulatória e do setor privado brasileiro em seguir aprimorando o sistema.

Apesar dos importantes avanços do Open Finance nos últimos cinco anos e do maior reconhecimento de seus benefícios, a experiência recente do ecossistema mostra que sua próxima etapa de evolução exige o fortalecimento de três frentes centrais: **o amadurecimento**

e a automatização do processo de monitoramento, a melhoria efetiva da performance das instituições participantes e a busca por maior eficiência na arquitetura de consumo de dados. Somente com avanços nessas três dimensões o Open Finance conseguirá atingir a qualidade, eficiência e equidade operacional necessárias para consolidar sua maturidade e sustentar a entrega de valor real ao consumidor brasileiro.

É nesse contexto, dois anos após o lançamento de seu primeiro estudo² sobre o tema, em julho de 2024, que a Zetta apresenta esta nova edição, a fim de atualizar o diagnóstico então traçado. O objetivo deste estudo é revisitar os avanços e os impactos do Open Finance, além de destacar o que ainda precisa avançar nos próximos anos para que o ecossistema atinja todo o seu potencial na visão da associação.

O estudo está organizado da seguinte forma. A seção 2 apresenta os principais avanços e impactos do ecossistema. A seção 3 reúne as evidências internacionais sobre os efeitos do Open Finance, com destaque para seu papel na promoção da competição e na redução do custo do crédito. A seção 4 analisa a percepção da população brasileira sobre o Open Finance, com base em pesquisa inédita realizada em parceria com a AtlasIntel. A seção 5 discute os principais desafios do ecossistema e possíveis caminhos de aprimoramento. A seção 6 aborda os novos produtos e a agenda de evolução do Open Finance na visão da Zetta. Por fim, a seção 7 apresenta as conclusões do estudo.

²https://somo-zetta.org.br/wp-content/uploads/2024/07/Zetta_OpenFinance_DESKTOP.pdf

Zetta

Avanços e impactos do ecossistema

De 42 milhões a quase 240 milhões de consentimentos em menos de três anos. Por trás dessa curva, bilhões de chamadas de API por semana, quase 800 instituições participantes e um princípio simples sustentando tudo: quem consome dados também compartilha. Este capítulo mostra como esse motor ganhou escala e quem está puxando ele.

1. O Open Finance em expansão: uma trajetória de crescimento expressivo

Cinco anos após seu lançamento, o Open Finance brasileiro consolidou-se como um dos maiores ecossistemas de compartilhamento de dados e serviços financeiros do mundo. Em dezembro de 2023, o sistema registrava 41,9 milhões de consentimentos ativos e 27,8 milhões de clientes ou contas conectadas. Um ano depois, em dezembro de 2024, esses números haviam avançado para 61,9 milhões de consentimentos, alta de 47,7%, e 41,2 milhões de clientes, crescimento de 48,2%. Foi em 2025, contudo, que a expansão ganhou outra escala: em dezembro daquele ano, o ecossistema alcançou 154 milhões de consentimentos ativos, avanço de 148,8% em apenas doze meses, e 100,2 milhões de clientes conectados, crescimento de 143,2% no período³.

Esse ritmo de expansão não deu sinais de acomodação: em julho de 2026, o ecossistema praticamente alcançou a marca de 240 milhões de consentimentos ativos e um potencial de 140 milhões de contas conectadas⁴. Ou seja, em apenas dezenove meses o número de consentimentos e de clientes conectados mais que triplicou.

Mas para além de mera estatística, cada consentimento ativo representa uma decisão concreta do consumidor brasileiro de tomar posse de seus próprios dados financeiros e utilizá-los para buscar produtos e serviços melhores. A trajetória de expansão do Open Finance revela que o modelo brasileiro tem cumprido seu propósito fundamental de colocar o cliente no centro do sistema financeiro e transformar dados em instrumento real de concorrência e de liberdade de escolha.

2. Para além dos consentimentos, o volume de chamadas de API

A escala do Open Finance brasileiro não se revela apenas pelo número de consentimentos ativos e de clientes conectados, mas também, e de forma talvez ainda mais concreta, pelo volume de chamadas de API que o ecossistema processa diariamente. Esse indicador captura a intensidade real de uso do sistema: cada chamada representa uma consulta efetiva de dados ou uma transação sendo processada entre instituições, em nome de um cliente que já autorizou o compartilhamento.

³Finsiders Brasil, "Open Finance supera 100 milhões de clientes, mas potencial é ainda maior", fev. 2026. Disponível em: <https://finsidersbrasil.com.br/economia-open/brasil-lidera-open-finance-no-mundo-com-100-milhoes-de-clientes/>.

⁴<https://dashboard.openfinancebrasil.org.br/transactional-data/unique-consents/receivers>

Compartilhamento e consumo de dados: o núcleo do ecossistema

Segundo dados do Dashboard do Cidadão⁵ relativos a julho de 2026, o ecossistema processou algo próximo de 7 bilhões de chamadas de API, por semana, para compartilhamento e consumo de dados cadastrais e transacionais. O consumo de dados está concentrado nas APIs de "Contas" (22,7 bilhões de chamadas no trimestre), "Cartão de Crédito" (9,1 bi) e "Renda Fixa Bancária" (8,5 bi), o que faz sentido visto que tais produtos sofrem alteração com alta frequência e possuem alta sensibilidade para o cliente, exigindo consultas frequentes para garantir que a informação exibida esteja sempre atualizada.

Iniciação de pagamentos: uma frente ainda em maturação

Já a iniciação de transações de pagamento opera em uma escala consideravelmente menor, ainda que em expansão. O volume semanal de chamadas relacionadas a pagamentos apresentou uma média de 70 a 80 milhões de chamadas semanais ao longo do trimestre de maio, junho e agosto de 2026, cerca de cem vezes menor que o volume de chamadas de dados no mesmo período.

O que esses números confirmam

Vistos em conjunto, os dados de chamadas de API reforçam duas conclusões já apresentadas neste estudo. Primeiro, que o compartilhamento de dados é, disparadamente, o uso mais intenso e consolidado do Open Finance brasileiro, com volume de tráfego que já reforça a urgência de uma arquitetura mais eficiente de

⁵ <https://dashboard.openfinancebrasil.org.br/transactional-data/api-requests/evolution>

consumo de dados. Segundo, que a iniciação de pagamentos ainda opera em escala modesta frente ao compartilhamento de dados, o que aponta para um potencial de crescimento ainda pouco explorado nessa frente do ecossistema, à medida que novos casos de uso de pagamento programável e recorrente amadurecerem.

3. Instituições participantes

Além do número de clientes conectados e do volume de chamadas de API, um terceiro fator é essencial para entender a maturidade do Open Finance brasileiro: a quantidade e a diversidade de instituições participantes do ecossistema, assim como os casos de uso que cada uma delas tem desenvolvido a partir dessa infraestrutura.

O Open Finance brasileiro reúne hoje cerca de 800 instituições participantes⁶, entre bancos de todos os portes, instituições de pagamento, fintechs, cooperativas de crédito, seguradoras, corretoras e empresas de câmbio⁷. Essa diversidade é, em si, um indicador de sucesso do desenho regulatório brasileiro que incorporou um amplo escopo de instituições. Essa pluralidade também se reflete na própria estrutura de governança do Open Finance, cujo Conselho de Administração reserva assentos para diferentes segmentos do mercado, garantindo que a evolução do ecossistema não seja pautada apenas pelos interesses de uma parcela da indústria.

⁶ Let's Money, "Burocracia de sócios trava Open Finance nas empresas", jun. 2026. Disponível em: <https://www.letsmoney.com.br/noticias/open-finance-empresas-burocracia-socios>.

⁷ Dock, "Open Finance: por que o modelo brasileiro é um dos mais completos do globo", fev. 2026. Disponível em: <https://dock.tech/fluid/blog/financeiro/open-finance/>.

Um marco importante na expansão do escopo de participantes foi a decisão do Banco Central de ampliar os critérios de participação obrigatória no Open Finance, passando a exigir a adesão de instituições ou conglomerados com mais de 5 milhões de clientes. Essa medida foi implementada por meio da Resolução Conjunta nº 10/2024 e das Instruções Normativas BCB nº 485 e 486/2024, com entrada em vigor em janeiro de 2025⁸.

O efeito prático dessa regra já pôde ser observado: a partir de 1º de julho de 2025, 11 novas instituições passaram a integrar o Open Finance, trazendo consigo cerca de 36 milhões de clientes para o ecossistema⁹. Trata-se de um salto importante tanto em volume de novos participantes quanto em base de clientes conectados, reforçando a estratégia do Banco Central de acelerar a maturidade da infraestrutura por meio da ampliação dos participantes.

4. O protagonismo das associadas da Zetta: engajamento, geração de valor e casos de uso

Engajamento e geração de valor

A verdadeira medida do sucesso do Open Finance, contudo, não está apenas no número de instituições que ingressam no ecossistema, mas na capacidade de cada uma delas de gerar engajamento com os clientes e transformar o acesso a dados em casos de uso concretos.

⁸ Mattos Filho, "Conselho Monetário Nacional e Banco Central publicam novas regras para o Open Finance". Disponível em: <https://www.mattosfilho.com.br/unico/novas-regras-open-finance/>.

⁹ Finsiders Brasil, "Open Finance inclui 11 novas instituições e 36 milhões de clientes", jul. 2025. Disponível em: <https://finsidersbrasil.com.br/regulamentacao/open-finance-inclui-11-novas-instituicoes-e-36-milhoes-de-clientes/>.

Os dados mais recentes do Dashboard do Cidadão confirmam o protagonismo já conhecido do Nubank, do Mercado Pago e do PicPay: em julho de 2026, o Nubank somava mais de 21,0 milhões de consentimentos únicos como receptor, seguido pelo Mercado Pago, com 19,1 milhões, e pelo PicPay, com 9,0 milhões. Juntas, as três instituições concentram mais de 48 milhões de consentimentos únicos, que representa aproximadamente 37% do total de 130 milhões de consentimentos únicos do ecossistema.

As três instituições não apenas lideraram historicamente o volume de consentimentos como receptoras de dados, como também figuram entre as que mais compartilham dados como transmissoras. Ou seja, há um padrão de engajamento nas duas pontas. Isso demonstra o princípio da reciprocidade que sustenta o desenho regulatório do sistema, e que se traduz em soluções concretas de agregação financeira e iniciação de pagamentos.

Compartilhamento e recebimento de dados - Chamadas de API

O protagonismo também aparece quando consideramos as chamadas de API. No ranking de maiores receptoras de dados por volume de chamadas de API dos últimos três meses, o Nubank lidera o ecossistema inteiro, somando 31,0 bilhões de chamadas, seguido pelo Mercado Pago, com 10,3 bilhões, e o PicPay, com 5,6 bilhões¹⁰. Esse mesmo padrão de liderança se repete no ranking de maiores transmissoras de

¹⁰ Open Finance Brasil, Dashboard do Cidadão — Ranking de chamadas por API (maiores receptores e transmissoras), dados de 27/07/2026. Disponível em: <https://dashboard.openfinancebrasil.org.br/>.

dados, ou seja, tais instituições também figuram entre aquelas que mais compartilham informações de seus próprios clientes com o restante do ecossistema. O Nubank lidera esse ranking, com 21,0 bilhões de chamadas recebidas de outras instituições como transmissor, seguido por Mercado Pago (6,6 bilhões) e PicPay (5,7 bilhões)¹¹.

Reciprocidade na prática: contribuir tanto quanto se consome

Um dos pilares do desenho regulatório do Open Finance brasileiro é o princípio da reciprocidade: toda instituição que deseja consumir dados de terceiros deve, em contrapartida, compartilhar os seus próprios dados com igual disponibilidade e qualidade. Na prática, as três associadas da Zetta com maior protagonismo no Open Finance demonstram um padrão de engajamento bilateral robusto, compartilhando dados de seus próprios clientes em volume proporcional ao que consomem de terceiros.

O que esses números revelam

Em conjunto, os dados de consentimentos e chamadas de API reforçam que as associadas da Zetta não apenas usufruem do Open Finance, como também contribuem para o ecossistema em volume proporcional, cumprindo e, em alguns casos, superando o espírito do princípio da reciprocidade. Esse padrão de engajamento nas duas pontas, consumindo dados para gerar valor ao cliente final e, ao mesmo tempo, compartilhando dados de forma consistente com o restante do mercado, é a evidência de que essas instituições geram grande valor

¹¹ Open Finance Brasil, Dashboard do Cidadão — Ranking de chamadas por API (maiores receptores e transmissores), dados de 27/07/2026. Disponível em: <https://dashboard.openfinancebrasil.org.br/>.

para o Open Finance brasileiro, tanto do ponto de vista do ecossistema quanto da experiência dos milhões de clientes que já conectaram suas contas a essas plataformas.

Casos de uso: exemplos

Esse protagonismo já se traduziu em uma agenda concreta de produtos e funcionalidades lançados nos últimos anos, que vão da agregação de contas a soluções mais sofisticadas de crédito, pagamentos e proteção ao consumidor. A seguir, listamos alguns dos casos de uso de maior relevância no ecossistema até o momento, com destaque para as associadas da Zetta.

#1 Nubank **Gestão financeira unificada** **(agregação de contas e cartões)**

— Como funciona

O caso de uso consiste na agregação de contas e cartões de crédito de outras instituições dentro do próprio aplicativo, permitindo ao cliente visualizar saldos, limites e faturas de diferentes bancos em um único lugar. A funcionalidade se apoia diretamente no módulo de compartilhamento de dados do Open Finance (dados cadastrais, de conta e de cartão de crédito).

— Impacto

Segundo dados internos do Nubank, a agregação de contas já atingiu mais de 6,2 milhões de clientes, enquanto a agregação de cartão de crédito alcançou 750 mil clientes no mesmo período. Em conjunto, a gestão financeira de contas já registrou 22,8 milhões de acessos mensais (6 milhões de usuários únicos), com cerca de 5 milhões de usuários únicos por mês acessando produtos de outras instituições agregados no aplicativo do Nubank.

#2 Mercado Pago Crédito para empreendedores e pequenas empresas

— Como funciona

O Mercado Pago utiliza dados de Open Finance compartilhados por pessoas jurídicas para compor um perfil de crédito mais completo de empreendedores e pequenos varejistas, incorporando histórico bancário externo à análise de risco da plataforma e oferecendo propostas de crédito mais alinhadas ao perfil real de cada negócio.

— Impacto

Segundo a própria empresa, 9 em cada 10 empreendedores que compartilham dados via Open Finance recebem alguma oferta de

crédito em até três meses de uso da plataforma¹² — um indicativo de conversão elevada do caso de uso para o público de pessoa jurídica, segmento ainda pouco maduro no ecossistema como um todo.

#3 PicPay Conta das Contas e score de crédito com base em Open Finance

— Como funciona

O PicPay desenvolveu a funcionalidade “Conta das Contas”, que permite ao usuário conectar e movimentar contas de outras instituições diretamente pelo aplicativo, e também passou a incorporar dados do Open Finance à sua tecnologia de análise de crédito herdada da aquisição do Guiabolso — cruzando o histórico da carteira digital com dados abertos para embasar decisões de concessão de crédito.

— Impacto

A funcionalidade de agregação de contas já registrou cerca de R\$ 100 milhões transacionados desde seu lançamento, com 2,4 milhões de usuários tendo acessado suas contas externas pela plataforma.¹³

¹² Central do Varejo, “Open finance no varejo: guia completo”, jul. 2026. Disponível em: <https://centraldovarejo.com.br/open-finance-no-varejo-guia-completo/>.

¹³ Mobile Time, “PicPay chega a 6 milhões de consentimentos no open finance”. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/09/11/2023/picpay-chega-a-6-milhoes-de-consentimentos-no-open-finance/>.

Na frente de crédito, as ferramentas do PicPay já analisam transações de cerca de 52 milhões de cartões e operam com aproximadamente 14 milhões de consentimentos ativos¹⁴, permitindo, segundo avaliação do banco de investimento FT Partners, modelos de crédito até três vezes mais precisos do que os baseados apenas em dados tradicionais¹⁵. A empresa também reporta taxa de sucesso na jornada de consentimento superior a 80%, uma das mais altas do ecossistema, reforçando o seu comprometimento com o bom funcionamento do Open Finance¹⁶.

#4 Nubank

Alerta de cheque especial

— Como funciona

A partir dos dados de saldo de outras instituições compartilhados via Open Finance, o Nubank desenvolveu um sistema de alertas que notifica o cliente quando uma de suas contas externas entra ou está prestes a entrar no cheque especial, permitindo que ele tome uma ação corretiva (e.g. uma transferência entre contas) antes de incorrer nos juros dessa modalidade, tipicamente uma das mais caras do mercado.

¹⁴ Finsiders Brasil, "Por que o PicPay chama atenção dos analistas", fev. 2026. Disponível em: <https://finsidersbrasil.com.br/bancos-digitais/picpay-chama-atencao-dos-analistas/>.

¹⁵ Finsiders Brasil, "Por que o PicPay chama atenção dos analistas", fev. 2026. Disponível em: <https://finsidersbrasil.com.br/bancos-digitais/picpay-chama-atencao-dos-analistas/>.

¹⁶ Revista Segurador Brasil, "Primeiro seguro que protege Pix realizado com outros bancos conectados via Open Finance". Disponível em: <https://revistaseguradorbrasil.com.br/picpay-lanca-primeiro-seguro-que-protege-pix-realizado-com-outros-bancos-conectados-via-open-finance/>.

— Impacto

O alerta já foi enviado a mais de 1 milhão de clientes, com avaliação média de 4,5 em 5 pelos usuários. Em termos de economia gerada, o valor evoluiu de R\$ 6,4 milhões em juros poupados nos primeiros dez meses da funcionalidade para R\$ 11 milhões acumulados, **segundo balanço interno de meados de 2025**. O impacto mais recente já alcança 3,5 milhões de clientes impactados, com R\$ 21,6 milhões em economia gerada, segundo o catálogo interno de casos de uso da companhia.

#5 Banco Inter

Meu Crédito

— Como funciona

Lançado em dezembro de 2025, o "Meu Crédito" é uma funcionalidade do aplicativo do Inter que centraliza a gestão do crédito do cliente em um único ambiente, mostrando o limite disponível, a pontuação de crédito interna do banco e um roteiro de ações recomendadas para elevar essa pontuação — modelo que, entre outras fontes de dados, considera as informações compartilhadas via Open Finance quando autorizadas pelo cliente¹⁷.

¹⁷ Blog Inter, "Meu Crédito Inter: o caminho claro para conquistar seu limite", dez. 2025. Disponível em: <https://blog.inter.co/meu-credito-inter-o-caminho-claro-para-conquistar-seu-limite/>.

— Impacto

A solução foi lançada inicialmente para 20 milhões dos 42 milhões de clientes pessoa física do banco, com expansão prevista para toda a base de correntistas até o fim do período de lançamento, e para o público de pessoa jurídica ao longo de 2026¹⁸. O caso reforça que o uso de Open Finance para transparência e evolução de score de crédito já não é exclusividade do Nubank e do PicPay, mas uma tendência mais ampla entre as instituições associadas à Zetta.

#6 Nubank Pagamentos e transferências (One-click Pix e Transferências Inteligentes)

— Como funciona

Com base no módulo de iniciação de pagamentos do Open Finance, o Nubank viabilizou o "One-click Pix", que permite ao cliente trazer recursos de contas externas para o Nubank com um único toque, a partir da área de "Depositar" e da tela de agregação de contas, bem como as "Transferências Inteligentes", que automatizam esse fluxo a partir de regras pré-definidas pelo cliente.

¹⁸ Mobile Time, "Inter lança função de gestão de crédito no seu aplicativo", dez. 2025. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/03/12/2025/inter-credito-aplicativo/>.

— Impacto

Entre janeiro e abril de 2025, o One-click Pix movimentou R\$ 256 milhões, com 294 mil consentimentos utilizados na funcionalidade. Dados internos também indicam que o Nubank já processa cerca de 1,2 milhões de transações liquidadas de iniciação de pagamento por semana como instituição receptora, volume que evidencia a escala já alcançada por essa frente do ecossistema, ainda que a taxa de sucesso das transferências inteligentes para trazer saldo externo permaneça, segundo a própria companhia, abaixo de 50% — em grande parte por falhas de saldo insuficiente decorrentes da defasagem na atualização de dados entre instituições.

5. Eficiência e escalabilidade: avanços essenciais para o crescimento do Open Finance

Os números e casos de uso detalhados acima evidenciam o amplo avanço do Open Finance desde o seu lançamento, destacando não só o número de clientes conectados ao ecossistema, mas também a enorme possibilidade de casos de uso baseados no Open Finance. Esse crescimento é uma conquista, mas também exige atenção da Associação Open Finance e do regulador. Cada novo cliente conectado significa mais chamadas de dados para processar, que hoje já está na casa de dezenas de bilhões por mês. E esse volume deve crescer ainda mais, à medida que novos casos de uso aumentam a frequência de uso da infraestrutura pelos clientes.

Assim, garantir que a infraestrutura do Open Finance seja eficiente e escalável deixou de ser um detalhe técnico para se tornar condição essencial de sucesso. Um ecossistema que cresce rapidamente, mas que não evolui sua forma de processar e entregar dados, compromete a experiência do cliente com mais lentidão, falhas, informações desatualizadas e jornadas que não se completam. E todos esses problemas afetam diretamente a confiança da população no ecossistema.

A boa notícia é que existe um caminho viável e já mapeado para evitar esse cenário: tornar a forma como as instituições trocam dados mais eficiente e moderna, para que atualizações cheguem em tempo real, sem sobrecarregar a infraestrutura com chamadas que não retornam valor real. Isso reduz o volume de tráfego processado e, ao mesmo tempo, torna a entrega de informação ao cliente mais rápida e confiável.

Por isso, a Zetta defende o avanço na eficiência do Open Finance como a prioridade central do ecossistema, tema que será melhor explorado ao longo do estudo. É a forma mais responsável de garantir que o crescimento expressivo do ecossistema se traduza em mais competição e mais valor para o cliente brasileiro, e não em um ambiente que cresce em tamanho, mas perde em qualidade.

Zetta

O veredito
internacional:
Open Finance
como motor
de competição
e redução do
custo de crédito

CGAP, BIS e FMI: três siglas que carregam o peso de validar, com dados, o que o Brasil já intuía. Juros que caem de 10% para 7,8% ao ano só por compartilhar dados bancários. O mundo está olhando para o modelo brasileiro, e os números internacionais confirmam por quê.

Os casos de uso e impactos destacados anteriormente não são uma leitura exclusivamente doméstica sobre o sucesso do Open Finance brasileiro: a tese de que o Open Finance é, acima de tudo, uma ferramenta de competição e redução do custo de crédito também vem sendo reconhecida por organismos internacionais que acompanham de perto a evolução dos principais ecossistemas de dados financeiros abertos do mundo. Um conjunto crescente de dados internacionais, pesquisas acadêmicas e organismos multilaterais já documenta esse efeito tanto no Brasil quanto em outras jurisdições.

1. Working paper mais recente do CGAP

O working paper mais recente do CGAP (Consultative Group to Assist the Poor), centro de pesquisa em inclusão financeira vinculado ao Banco Mundial, por exemplo, utiliza o Brasil como uma de suas

principais referências de maturidade e destaca os benefícios do Open Finance já percebidos no Brasil. A seguir, sintetizamos os principais achados desse estudo.

O estudo aponta que, segundo a literatura internacional já consolidada, o Open Finance promove maior competição e inovação e avança a inclusão financeira, reduzindo custos e melhorando o acesso do cliente, a adequação de produtos e a experiência do usuário. Além disso, o modelo empodera o consumidor ao dar-lhe maior visibilidade e controle sobre seus próprios dados financeiros.¹⁹

Especificamente sobre evidências observadas em países em que a iniciativa já atingiu algum grau de maturidade, o estudo cita a melhora no desempenho financeiro de *fintechs* por meio do acesso a dados e maior entrada no mercado; melhores condições de empréstimo e redução dos custos de crédito; e aumento do acesso financeiro para consumidores e pequenas empresas historicamente mal atendidos.²⁰

Um achado particularmente relevante para o argumento de inovação é a constatação, a partir do monitoramento detalhado do Banco Central, de que o ecossistema já revela a formação de nichos: certas instituições financeiras e prestadores de serviço se especializam em categorias limitadas de API, como investimentos e câmbio.

¹⁹ Dias, Denise; Mazer, Rafe; Jenik, Ivo. "Open Finance Oversight and Supervision: Emerging Practices and Early Lessons". CGAP/Banco Mundial, abr. 2026. Disponível em: https://www.cgap.org/sites/default/files/publications/Working%20Paper_Open%20Finance%20Oversight_Final.pdf.

²⁰ Dias, Denise; Mazer, Rafe; Jenik, Ivo. "Open Finance Oversight and Supervision: Emerging Practices and Early Lessons". CGAP/Banco Mundial, abr. 2026. Disponível em: https://www.cgap.org/sites/default/files/publications/Working%20Paper_Open%20Finance%20Oversight_Final.pdf.

Esse dado representa um indício de que o Open Finance está permitindo a criação de modelos de negócio mais especializados e diferenciados, e não apenas a replicação de produtos genéricos.²¹

Ademais, o estudo destaca que o Open Finance pode apresentar níveis mais baixos de fraude e incidentes cibernéticos do que outros sistemas de pagamento em alguns contextos, o que reforça a tese de que a maturidade regulatória e a infraestrutura do modelo brasileiro são bastante robustas em termos de segurança.²²

2. Paper BIS - Evidências quantificadas da redução do custo de crédito

Um estudo do BIS mostra que, quando tomadores de crédito considerados mais arriscados compartilham voluntariamente seus dados bancários, isso resulta em maior probabilidade de aprovação do empréstimo e redução da taxa de juros cobrada. O efeito se mantém em todos os perfis de risco, mas é mais acentuado exatamente entre os tomadores com pior histórico de crédito (maior aumento na taxa de aprovação) e os com melhor histórico (maior redução na taxa de juros).²³ Em termos concretos, entre os tomadores de melhor qualidade de crédito que compartilham dados,

²¹Dias, Denise; Mazer, Rafe; Jenik, Ivo. "Open Finance Oversight and Supervision: Emerging Practices and Early Lessons". CGAP/Banco Mundial, abr. 2026. Disponível em: https://www.cgap.org/sites/default/files/publications/Working%20Paper_Open%20Finance%20Oversight_Final.pdf.

²²Dias, Denise; Mazer, Rafe; Jenik, Ivo. "Open Finance Oversight and Supervision: Emerging Practices and Early Lessons". CGAP/Banco Mundial, abr. 2026. Disponível em: https://www.cgap.org/sites/default/files/publications/Working%20Paper_Open%20Finance%20Oversight_Final.pdf.

²³Eroglu, H.; Cornelli, G.; Frost, J.; Rühmann, F.; Shreeti, V. "Opening Doors to Open Finance: Evidence from the International Experience". BIS Papers No. 168, mar. 2026. Disponível em: <https://www.bis.org/publ/bppdf/bispap168.pdf>.

a taxa de juros mediana caiu de 10% para 7,8% ao ano, uma redução de 2,2 pontos percentuais atribuída diretamente ao compartilhamento de dados bancários.²⁴

Esse resultado é corroborado por outro estudo citado no mesmo levantamento do BIS, segundo o qual à medida que os usuários passam a confiar mais no compartilhamento de dados com fintechs, essas empresas passam a oferecer taxas de empréstimo mais baixas, com efeito particularmente relevante para grupos historicamente mal atendidos pelo sistema financeiro tradicional.²⁵ Na Índia, evidências mostram que o acesso a dados de pagamentos digitais melhora a previsão de inadimplência de empréstimos, fortalecendo tanto a análise de crédito quanto o monitoramento pós-desembolso, e permite às fintechs de crédito ampliar o acesso ao capital com taxas de juros mais baratas.²⁶ Já na China, a adoção de pagamentos digitais e a portabilidade dos dados de pagamento se mostraram fatores de ampliação da inclusão financeira e do acesso ao crédito.²⁷

²⁴Eroglu, H.; Cornelli, G.; Frost, J.; Rühmann, F.; Shreeti, V. "Opening Doors to Open Finance: Evidence from the International Experience". BIS Papers No. 168, mar. 2026. Disponível em: <https://www.bis.org/publ/bppdf/bispap168.pdf>.

²⁵Eroglu, H.; Cornelli, G.; Frost, J.; Rühmann, F.; Shreeti, V. "Opening Doors to Open Finance: Evidence from the International Experience". BIS Papers No. 168, mar. 2026. Disponível em: <https://www.bis.org/publ/bppdf/bispap168.pdf>.

²⁶Eroglu, H.; Cornelli, G.; Frost, J.; Rühmann, F.; Shreeti, V. "Opening Doors to Open Finance: Evidence from the International Experience". BIS Papers No. 168, mar. 2026. Disponível em: <https://www.bis.org/publ/bppdf/bispap168.pdf>.

²⁷Eroglu, H.; Cornelli, G.; Frost, J.; Rühmann, F.; Shreeti, V. "Opening Doors to Open Finance: Evidence from the International Experience". BIS Papers No. 168, mar. 2026. Disponível em: <https://www.bis.org/publ/bppdf/bispap168.pdf>.

3. O aval do FMI: a avaliação do sistema financeiro brasileiro em 2026

Em julho de 2026, o Fundo Monetário Internacional (FMI) publicou a mais recente avaliação de estabilidade do sistema financeiro brasileiro (Financial System Stability Assessment), reconhecendo expressamente o papel da digitalização, incluindo o avanço dos bancos digitais, como fator de maior competição no setor financeiro nacional. Segundo o próprio relatório, "a transformação digital, por meio do surgimento de bancos digitais e apoiada pela introdução de um sistema de pagamentos instantâneos (Pix), aumentou a competição e a eficiência no sistema financeiro", com os bancos digitais emergentes reduzindo a concentração do setor bancário e fomentando competição e eficiência, o que também já levou a taxas de empréstimo mais baixas.²⁸

O relatório do FMI vai além do diagnóstico qualitativo e traz uma simulação quantitativa do efeito dessa competição sobre a rentabilidade dos bancos incumbentes: caso os credores enquadrados como *fintechs* aumentem sua participação no mercado de crédito ao consumidor em 50%, passando de cerca de 5% para 7,5%, o exercício de sensibilidade do FMI estima uma compressão de 30 pontos-base ao ano na margem financeira líquida (NIM) dos bancos, com impacto agregado de 85 pontos-base no índice de capital CET1 ao final do período analisado, e de até 115 pontos-base para os bancos sistemicamente importantes (DSIBs).²⁹ Em outras palavras, o

²⁸ International Monetary Fund. "Brazil: Financial System Stability Assessment". IMF Country Report No. 26/192, jul. 2026. Disponível em: <https://www.imf.org/-/media/files/publications/cr/2026/english/1braea2026002.pdf>.

²⁹ International Monetary Fund. "Brazil: Financial System Stability Assessment". IMF Country Report No. 26/192, jul. 2026. Disponível em: <https://www.imf.org/-/media/files/publications/cr/2026/english/1braea2026002.pdf>.

próprio FMI quantifica que um avanço moderado da participação de mercado das fintechs já é capaz de comprimir de forma considerável a rentabilidade dos maiores bancos do país, a mais direta evidência possível de que a competição das desafiantes se traduz em pressão real sobre as margens dos incumbentes, e não apenas em um efeito teórico ou marginal.

4. Estudos independentes

Além dos estudos feitos por organismos multilaterais, já existem diversas pesquisas empíricas disponíveis na literatura acadêmica, que atestam os efeitos positivos do Open Finance em diversas dimensões econômicas e sociais. Listamos abaixo alguns destes estudos, de acordo com o impacto mapeado:

- **Menor poder de monopólio:** o Open Finance derruba barreiras de acesso a dados, reduzindo o poder de monopólio dos bancos sobre estas informações. Esse "leveling the playing field" estimula a entrada de novos players e o crescimento de instituições menores (Ma, 2026).
- **Inclusão financeira:** Open Finance reduz assimetrias de informação e permite que mais pessoas tenham acesso a crédito e o façam em melhores condições (Eroglu et al, 2026), o que é relevante sobretudo para países emergentes, com maior população desbancarizada (Fang and Zou, 2023).

- **Aumento do bem-estar social:** Ao elevar a competição e a oferta de novos produtos e serviços, o Open Finance melhora o bem-estar dos consumidores, que se deparam com maior gama de opções, com melhor qualidade de produtos e com preços mais acessíveis (Babina et al, 2025).
- **Mais acesso a crédito de MPMEs:** O Open Banking melhora o acesso a crédito de empresas menores. Ao aumentar a informação disponível, diminuem as exigências de garantias tradicionais. Com mais dados disponíveis – como os recebíveis da empresa – os bancos passam a reconhecer ativos que antes eram invisíveis ou pouco valorizados como garantia (Yu, 2025).
- **Mais competição:** O Open Finance facilita a entrada de novas empresas no setor financeiro, ampliando a concorrência (Casolaro et al, 2025). Há também evidência para o Brasil de que mais informação diminui taxas de juros aos consumidores finais (Ornelas et al, 2025).
- **Melhor alocação de crédito:** O Open Banking diminui a probabilidade de default, sugerindo que os “bons pagadores” usam o compartilhamento de dados para se diferenciar. Além disso, não gera discriminação de preços, bem como reduz a seleção adversa e melhora a alocação de crédito, aumentando a eficiência (Nam, 2023).

- **Empoderamento de consumidores:** O Open Banking dá ao consumidor maior controle sobre seus próprios dados – antes restritos às instituições financeiras – fortalecendo seu poder de barganha e reduzindo o poder de mercado dos bancos (Casolaro et al, 2025). Além disso, permite o atendimento das novas expectativas dos consumidores, que, cada vez mais, valorizam serviços financeiros personalizados e integrados ao seu cotidiano [BCB, 2025].
- **Maior agilidade:** Open Finance permite uma maior rapidez na análise de processos de concessão de crédito, inclusive os relacionados à portabilidade de crédito. Antes dele era preciso levar contratos, extratos e outros documentos. Depois, basta compartilhar os dados com a nova instituição e as informações do contrato já são analisadas (BCB, 2025).
- **Estímulo à inovação:** O ambiente mais aberto do Open Banking favorece o surgimento de novos modelos de negócios e facilita a criação de soluções ágeis (Xie and Hu, 2024).
- **Mais conveniência e segurança:** O Open Finance facilita a vida financeira das pessoas, sobretudo em países em que as pessoas têm diversos relacionamentos bancários. No Brasil, são 6,7 relacionamentos, em média, por cidadão bancarizado, de acordo com o Relatório de Cidadania Financeira do BCB, divulgado em 2026, com dados de 2024.

Tabela
Evidência Empírica sobre os Efeitos
do Open Finance/Open Banking

Estudo	Evidência	Resultado resumido
Ma, 2026	Positiva	Reduz o poder de monopólio dos bancos.
Eroglu et al., 2026	Positiva	Aumenta inovação, competição e inclusão.
Babina et al., 2025	Positiva	Aumenta o bem-estar social.
Robisco et al., 2025	Positiva	Aumenta a entrada no setor bancário.
Hjelkrem et al., 2022	Positiva	Melhora a precificação de crédito e reduz o default.
Ornelas et al., 2025	Positiva	Mais informação reduz taxas de juros.
Fang and Zou, 2023	Positiva	Promove inclusão financeira.
Yu, 2025	Positiva	Melhora acesso a crédito de MPMEs.
Casolaro et al., 2025	Positiva	Aumenta a entrada e estimula a competição.
Nam, 2023	Positiva	Melhora a alocação de crédito na economia.
BCB, 2025	Positiva	Empodera os consumidores.
Xie and Hu, 2024	Positiva	Efeitos positivos em inovação.

Em conjunto, essas evidências reforçam, com base em avaliações empíricas independentes, que o Open Finance pode ser uma ferramenta eficaz para ampliar a competição, reduzir o custo do crédito e promover a inclusão financeira. Esse diagnóstico não se restringe ao caso brasileiro nem reflete apenas a visão do setor: ele encontra respaldo tanto em organismos financeiros multilaterais quanto na literatura acadêmica que vem avaliando os efeitos concretos de ecossistemas de compartilhamento de dados financeiros em diferentes países.

Zetta

Percepção da população sobre o Open Finance

Em 2024, menos da metade dos brasileiros tinha ouvido falar em Open Finance. Em 2026, esse número saltou para 81,9%. Mas conhecer não é o mesmo que entender: a pesquisa inédita da Zetta com a AtlasIntel revela o que a população sabe, o que ainda desconhece e, principalmente, o que ela mais deseja do sistema.

Superado o marco de 5 anos de lançamento do Open Finance, a Zetta entende ser fundamental compreender não apenas os números de adesão e análise internacional sobre o tema, mas também como a população brasileira percebe o Open Finance em seu dia a dia. Isto é, se a população reconhece esta funcionalidade, se percebe seus benefícios de forma concreta e se deseja evoluções específicas, entre outros aspectos.

Para tanto, a Zetta conduziu, em parceria com a AtlasIntel, uma nova pesquisa de percepção sobre o Open Finance, cujo objetivo é mapear o avanço da familiaridade da população com o Open Finance, identificar os eventuais fatores que ainda limitam a adesão ao compartilhamento de dados e entender de que forma o sistema já impacta a vida financeira dos brasileiros.

A pesquisa entrevistou 1.974 pessoas adultas, representativas da população brasileira adulta, entre os dias 20 e 27 de julho de 2026, garantindo um nível de confiança de 95%, com uma margem de erro de 2 pontos percentuais.

Um salto expressivo no conhecimento sobre o Open Finance

A pesquisa indica um avanço do conhecimento declarado sobre o Open Finance. Em 2024, entre 44% e 45% dos entrevistados afirmaram já ter ouvido falar do Open Banking ou Open Finance. Em 2026, esse patamar mudou substancialmente: 81,9% dos respondentes afirmam já ter ouvido falar do tema, distribuídos entre "conheço bem e entendo os principais pontos" (21%), "conheço algumas características, mas não entendo o assunto em profundidade" (37,4%) e "já ouvi falar, mas não sei quase nada sobre o assunto" (23,4%). Apenas 18,1% declaram nunca ter ouvido falar, ante 55% em 2024. Esse resultado é consistente com a maturidade que o ecossistema alcançou nos últimos dois anos, a partir do lançamento de novos casos de uso e a intensificação da cobertura do tema na imprensa.

O conhecimento aprofundado sobre o Open Finance também teve um aumento significativo: a parcela de respondentes que se consideram bem informados sobre o funcionamento do sistema saltou de 5%, em 2024, para 21%, em 2026, um crescimento de mais de quatro vezes. Embora ainda exista bastante espaço para evolução, a pesquisa revela que o Open Finance de fato vem se tornando mais conhecido pela população.

Em relação ao Open Finance, também conhecido como sistema financeiro aberto, qual das opções melhor descreve você?

Conheço bem e entendo os principais pontos

21%

Conheço algumas características, mas não entendo o assunto em profundidade

37,4%

Já ouvi falar, mas não sei quase nada sobre o assunto

23,4%

Nunca ouvi falar

18,1%

0% 10% 20% 30% 40% 50%

Percepção de benefício: de "não faz diferença" para uma leitura mais diversa

Em 2024, a percepção dominante era de indiferença: 61% dos entrevistados que já haviam ouvido falar do Open Finance declararam que o sistema "não fazia diferença" para eles pessoalmente, e apenas 38% viam mais vantagens do que desvantagens. Para a sociedade em geral, a leitura era mais favorável (61% viam mais vantagens).

A pesquisa AtlasIntel, por sua vez, adotou uma escala de 1 a 5 (de "somente prejuízos" a "somente benefícios"), permitindo um cálculo de saldo líquido de percepção. O resultado aponta um saldo positivo de +13,1 pontos para o impacto pessoal e de +18,5 pontos para o impacto na sociedade. Ou seja, a percepção segue mais favorável para a coletividade do que para o indivíduo, replicando o padrão de 2024.

"O Open Finance é um sistema regulado pelo Banco Central que permite ao cliente autorizar o compartilhamento de dados e a realização de serviços financeiros de uma instituição para outra"

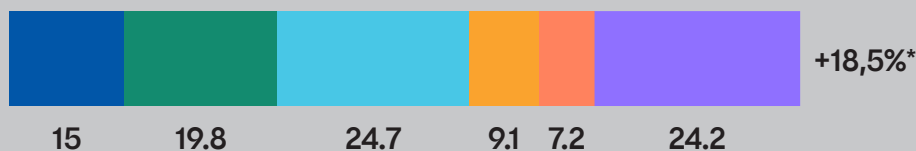
Na sua opinião, o Open Finance traz mais benefícios ou prejuízos para você pessoalmente? E para a sociedade de forma geral?

Utilize a seguinte escala:

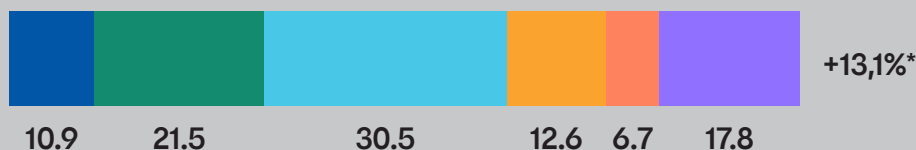
- 1 = Somente prejuízos
- 2 = Mais prejuízos do que benefícios
- 3 = Não faz diferença
- 4 = Mais benefícios do que prejuízos
- 5 = Somente benefícios

- Somente benefícios
- Mais benefícios do que prejuízos
- Não faz diferença
- Mais prejuízos do que benefícios
- Somente prejuízos
- Não sei

Para a sociedade



Para você



*Soma total do valor positivo (4 e 5) menos a soma total do valor negativo (1 e 2).

Benefícios percebidos: a portabilidade ganha protagonismo

Ao comparar os benefícios espontaneamente associados ao Open Finance pelos consumidores, houve uma mudança relevante de hierarquia. Em 2024, o benefício mais citado era "acesso, facilidade a crédito ou aumento de limite" (44% entre os que conheciam o tema). Em 2026, esse benefício ainda aparece entre os mais citados (35,6%), mas cede a liderança para "portabilidade de serviços" (40,4%) e "agregação de saldos e contas em um aplicativo" (37,5%).

Essa mudança de hierarquia é coerente com o próprio avanço regulatório do período: a portabilidade de crédito, item central da agenda de 2025–2026, passou a ser um benefício mais concreto e reconhecível pela população, o que não existia como funcionalidade lançada em 2024. Na prática, o tema da portabilidade associado ao Open Finance parece ser bem visto pela população, ainda que o lançamento da funcionalidade seja recente.

Na sua opinião, pelo que você sabe ou ouviu falar, quais são os principais benefícios do Open Finance para os consumidores?

Marque até 3 opções.

Portabilidade de serviços



Agregação de saldos e contas em um aplicativo



Acesso a crédito ou aumento de limite (empréstimo ou cartão)



Melhor organização financeira



Soluções de pagamento melhores



Redução de juros



Serviços personalizados e mais acessíveis



Orientações e melhor gerenciamento de investimentos



Outro



Funcionalidades desejadas: portabilidade salarial no topo

Em linha com o item anterior, a pesquisa também reforça o desejo da população por maior controle em relação ao seu salário, independentemente da escolha do empregador. Quando questionados sobre quais funcionalidades gostariam de ter no Open Finance, a resposta mais citada, com folga, foi "escolher em qual banco receber meu salário, independentemente da escolha do empregador" (portabilidade salarial), com 41,7% das menções. Em segundo lugar, ficou o item "receber alertas de transações suspeitas em contas de outros bancos" (32%), seguido por "movimentar diferentes contas a partir do banco de minha escolha" (31,9%).

Esse conjunto de dados reforça a importância da portabilidade salarial como uma das principais frentes da agenda evolutiva do Open Finance, ao mesmo tempo em que revela o desejo do trabalhador de ter maior controle sobre sua própria vida financeira. O tema casa com o momento regulatório, visto que a Lei nº 15.252/2025 já reconheceu o direito à portabilidade salarial automática, e o Banco Central publicou a Resolução BCB nº 566/2026, que aprimora algumas regras relativas à portabilidade e a conta-salário. Vale destacar que o tema segue sob análise do Banco Central e da Associação Open Finance, que trabalham no desenho operacional do fluxo antes de sua entrada em vigor, prevista para julho de 2027.

Quais destas funcionalidades você mais gosta/gostaria de ter no Open Finance?

Marque até 3 opções.

Escolher em qual banco receber meu salário, independente da escolha do empregador (portabilidade)

41,7%

Receber alertas de transações suspeitas em contas de outros bancos

32%

Movimentar diferentes contas a partir do banco de minha escolha

31,9%

Consultar limites e faturas de cartões de diferentes bancos em um só lugar

30,8%

Receber alertas de depósitos e débitos ocorridos em qualquer uma de suas contas

27,3%

Receber alertas sobre juros e tarifas cobrados por qualquer banco

25,9%

Nenhuma dessas

20,7%

Percepção de segurança

A pesquisa também revela uma lacuna de conhecimento sobre salvaguardas já existentes no sistema: 32% dos respondentes não sabiam que os dados só são compartilhados com as instituições que autorizarem, enquanto 47% não sabiam que é possível cancelar o compartilhamento a qualquer momento. Ou seja, quase metade da população desconhece um dos principais mecanismos de controle e segurança do Open Finance.

O dado se torna ainda mais relevante ao se observar o efeito de informar o consumidor sobre essas salvaguardas: ao tomar conhecimento de que pode cancelar o compartilhamento a qualquer momento, o saldo de confiança sobe +56,2 pontos; ao saber que pode escolher com qual instituição compartilhar, o saldo sobe +52,5 pontos. Isto é, a comunicação sobre esses dois mecanismos de controle tem potencial concreto de elevar a confiança da população no sistema.

Nesse contexto, a Zetta reforça a importância de comunicar à sociedade os mecanismos de segurança do Open Finance, de forma simples e transparente. Isso inclui comunicar a ausência de fraudes relevantes associadas ao sistema, detalhar os mecanismos de proteção ao consumidor, as camadas de proteção técnica já existentes (criptografia, autenticação forte, certificação digital) e, sobretudo, reforçar o controle do próprio consumidor sobre suas autorizações, em especial, a possibilidade de cancelamento a qualquer momento e de escolha da instituição com quem compartilhar dados.

A própria pesquisa AtlasIntel já demonstra o potencial concreto dessa comunicação: ao tomar conhecimento de que pode cancelar o compartilhamento quando quiser, o nível de confiança do consumidor sobe de maneira relevante.

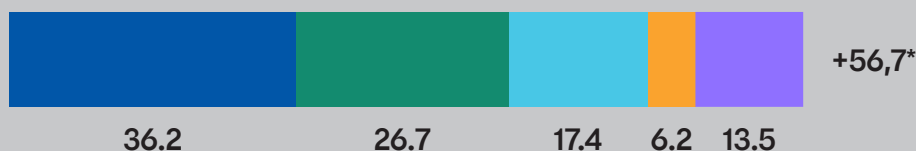
Agora que você conhece essas informações, quanto cada uma delas aumenta ou diminui sua confiança no Open Finance?

Utilize a seguinte escala:

- 1 = Diminui
- 2 = Não faz diferença
- 3 = Aumenta um pouco
- 4 = Aumenta muito

- Aumenta muito
- Aumenta um pouco
- Não faz diferença
- Diminui
- Não sei

Poder cancelar o compartilhamento dos dados a qualquer momento



Poder escolher com qual instituição seus dados serão compartilhados



O gargalo da informação como causa-raiz

Ao serem perguntados se mais informação aumentaria sua confiança para utilizar o sistema, o saldo de concordância chega a +61,1 pontos; e ao serem perguntados se faltam informações claras sobre como o Open Finance funciona, o saldo de concordância é de +47,9 pontos. Esses dados demonstram o receio em adotar a ferramenta como diretamente proporcional ao desconhecimento sobre seu funcionamento.

Coerentemente, ao serem questionados acerca que tipo de informação seria mais útil, os respondentes priorizam explicações sobre os benefícios do Open Finance (57,3%) e informações sobre a segurança do processo (55,1%), à frente de "quem pode acessar meus dados e por quanto tempo" (44,9%). Esse conjunto de dados fornece uma pauta de comunicação bastante concreta para o ecossistema.

Tarifação entre instituições: rejeição da população

Por fim, ao serem questionados se concordam que os bancos possam cobrar tarifa entre eles pelo compartilhamento de dados autorizado pelo cliente, 81,2% dos respondentes discordam, e apenas 18,8% concordam. Embora a pesquisa trate da cobrança entre instituições (e não diretamente do modelo de custeio do ecossistema), o resultado sinaliza uma rejeição popular relevante a qualquer solução que esteja relacionada à cobrança dos bancos pelos dados dos indivíduos.

"No Open Finance você pode autorizar o compartilhamento dos seus dados financeiros entre diferentes bancos."

Você concorda que os bancos possam cobrar uma tarifa entre eles por esse compartilhamento?

NÃO



SIM



Síntese

A pesquisa AtlasIntel aponta alguns pontos relevantes. Primeiro, o desconhecimento segue sendo um entrave à adoção: mesmo com 81,9% da população já tendo ouvido falar do tema, apenas 21% se consideram bem informados sobre seu funcionamento, e metade dos respondentes sequer sabia que é possível transferir um empréstimo para outro banco com juros menores. Isso mostra que o problema não é falta de interesse, mas falta de informação sobre benefícios e processos concretos.

Segundo, a portabilidade é o que a população mais deseja do Open Finance: "escolher em qual banco receber meu salário" lidera, com folga, o ranking de funcionalidades desejadas (41,7%), à frente de qualquer outro item testado. Esse resultado reforça a urgência de priorizar a portabilidade salarial na agenda regulatória, justamente no momento em que a Lei nº 15.252/2025 e a Resolução BCB nº 566/2026 já abriram caminho para o tema.

Terceiro, a população rejeita, de forma esmagadora (81,2%), a cobrança de tarifas entre instituições pelo compartilhamento de dados. Assim, há uma sinalização no sentido de que qualquer mecanismo de cobrança não possui respaldo popular.

Por fim, a pesquisa reforça a necessidade de uma jornada mais simples e intuitiva: quase metade dos respondentes desconhece salvaguardas básicas do sistema, como a possibilidade de cancelar o compartilhamento a qualquer momento, e a comunicação sobre esses mecanismos já demonstrou potencial concreto de elevar a confiança do consumidor. Em conjunto, esses achados sustentam a agenda de simplificação da jornada, avanço na frente de comunicação e priorização da portabilidade pelo Banco Central e pela Associação Open Finance.

Zetta

Desafios
enfrentados
pelo
ecossistema
e propostas
de melhoria

61,5% de desperdício. É essa a taxa de chamadas de API que, no modelo atual de consulta periódica, retornam dado velho, sem nenhuma novidade para o cliente. Entre monitoramento manual, discrepâncias de performance de até 20 pontos percentuais entre instituições e uma arquitetura pensada para outra escala, este capítulo expõe os gargalos que separam o Open Finance de sua próxima fase de maturidade, e o que a Zetta propõe para superá-los.

A Zetta entende que o Open Finance está diante de uma nova fase de maturidade, em que os desafios já não dizem respeito à adesão inicial ao ecossistema, mas sim à qualidade, eficiência e performance de sua operação cotidiana. Este capítulo reúne os desafios e gargalos atuais que devem ser enfrentados com urgência pela Associação Open Finance e pelo Banco Central no intuito de permitir que o Open Finance atinja a estabilidade e a maturidade necessárias para uma maior entrega de valor aos clientes.

1. A próxima fronteira do Open Finance é a qualidade e a eficiência do ecossistema

O Open Finance brasileiro acumulou avanços relevantes nos últimos anos, com expansão de escopo, ampliação das instituições participantes, amadurecimento da governança e desenvolvimento de novas funcionalidades com potencial concreto de ampliar a concorrência e melhorar a experiência financeira dos usuários. Esse progresso é expressivo e demonstra a solidez da agenda. Contudo, a experiência recente do ecossistema mostra que sua próxima etapa de evolução passa pelo fortalecimento de seus atributos de qualidade, performance e eficiência.

Nesse contexto, três frentes se mostram centrais. A primeira é o amadurecimento e a progressiva automatização do processo de monitoramento, de modo a torná-lo mais eficiente e aderente à complexidade operacional do ecossistema. A segunda é a melhoria efetiva da performance das instituições participantes, condição necessária para assegurar entregas mais consistentes ao consumidor final e maior reciprocidade entre as instituições participantes que compõem o Open Finance. A terceira é a busca por maior eficiência na arquitetura de consumo de dados, tema que ganha relevância à medida que o Open Finance expande sua base de clientes, seus casos de uso e sua criticidade operacional.

Esses pontos são particularmente relevantes porque, no Open Finance, a experiência do consumidor não depende apenas da interface da instituição com a qual ele interage diretamente. Ela resulta do funcionamento coordenado entre diferentes participantes, APIs,

rotinas de monitoramento e escolhas de arquitetura. Assim, quando o monitoramento ainda carece de maior robustez, a performance das instituições permanece aquém do desejável e/ou a arquitetura impõe ineficiências e limitações relevantes ao consumo de dados. O impacto final tende a se refletir sobre toda a cadeia, comprometendo a escalabilidade e a percepção de valor do ecossistema.

Nessa perspectiva, as agendas de qualidade e eficiência devem ser compreendidas como etapas essenciais de consolidação do Open Finance brasileiro. Mais do que corrigir fricções operacionais pontuais, é preciso criar as condições para que o ecossistema continue crescendo com eficiência e capacidade de entregar valor concreto ao cidadão.

1.1. Monitoramento

— Contexto e avanços

O monitoramento de performance das instituições participantes é inicialmente conduzido pela Estrutura de Governança do Open Finance com base no Manual de Monitoramento, atualizado para a versão 3.0 pela Instrução Normativa BCB nº 706, de 29 de janeiro de 2026.³⁰ O arcabouço regulatório prevê a abertura de ocorrências (tickets) sempre que uma instituição transmissora apresenta indisponibilidade, falhas ou erros relevantes, seja nas APIs ou na jornada do cliente. Tais tickets podem ser abertos pelos

³⁰ Banco Central do Brasil. Instrução Normativa BCB nº 706, de 29 de janeiro de 2026. Aprova a versão 3.0 do Manual de Monitoramento do Open Finance. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/exibenormativo?tipo=Instru%C3%A7%C3%A3o%20Normativa%20BCB&numero=706>.

próprios participantes do Open Finance, assim como pela equipe de monitoramento da Associação Open Finance, de modo a possibilitar a identificação e a correção tempestiva de gargalos operacionais no ecossistema.

— Desafios

O monitoramento de performance tornou-se uma das agendas mais relevantes para o amadurecimento do Open Finance brasileiro, sendo que o arcabouço vigente passou por diversas evoluções ao longo do tempo como resultado de esforço importante da Estrutura de Governança e do Banco Central. Contudo, a experiência prática mostra que ainda há espaço para aprimoramentos importantes e capazes de torná-lo mais automatizado, escalável e compatível com as complexidades do Open Finance.

Na visão da Zetta, os principais desafios estão relacionados à dependência de processos manuais e pouco escaláveis, que resultam na abertura de tickets inadequados ou incompletos e que dependem de alto esforço de investigação, além de conciliações bilaterais extensas por parte das instituições. Esse desenho tende a aumentar o ônus operacional das instituições e, em alguns casos, dificultar a diferenciação entre falhas efetivas e ruídos operacionais. Como consequência, nota-se atraso em etapas fundamentais do processo de monitoramento, em especial, na identificação e correção tempestiva dos casos mais críticos.

— Propostas da Zetta

Nesse contexto, a Zetta defende a evolução do monitoramento para um modelo mais automatizado e escalável, com uma triagem robusta e solução tempestiva das ocorrências, integração via API e alertas automáticos, voltados à melhoria efetiva de performance e taxa de conversão das instituições. A Zetta entende que esse é um pré-requisito para que o ecossistema evolua de um modelo de compliance para um modelo orientado a resultado e experiência do usuário final.

Há, ainda, um eixo importante de governança e qualidade dos dados, que consiste na evolução da Plataforma de Coleta de Métricas (PCM)³¹ e dos dashboards de desconformidade em termos de conciliação e validação. Mais especificamente, uma das propostas centrais é ampliar a capacidade de comparação entre as visões da instituição receptora e da instituição transmissora, com dados objetivos e passíveis de validação pelas instituições participantes.

Na prática, esse formato permitiria a apuração automatizada e mais tempestiva dos problemas apontados, sem necessidade de interações bilaterais entre os diferentes participantes do ecossistema. Em outras palavras, é importante que as métricas, as evidências e os fluxos de apuração sejam facilmente conciliáveis entre as partes envolvidas, de modo a reduzir o tempo dedicado a disputas operacionais e viabilizar um processo mais eficiente.

³¹ A Plataforma de Coleta de Métricas (PCM) é a infraestrutura tecnológica responsável por coletar, armazenar e organizar informações relacionadas às interações entre os participantes do Open Finance, a fim de viabilizar indicadores relevantes como taxa de conversão e de indisponibilidade.

Outra evolução relevante consiste na criação de um processo específico para o escalonamento de casos críticos, isto é, ocorrências com maior potencial de impacto para o ecossistema e para os usuários do Open Finance. Essa medida permitiria diferenciar eventos de baixo e médio impacto daqueles de maior gravidade, viabilizando tratamento mais célere e proporcional por parte da Associação Open Finance. Essa medida permitiria maior tempestividade na notificação de casos críticos ao Banco Central, sobretudo quando houver descumprimento de planos de adequação ou recorrência de falhas críticas sem solução efetiva.

No plano institucional, a avaliação da Zetta é que esse movimento já começou a ser construído pela Estrutura de Governança, incluindo a evolução do Manual de Monitoramento, a formalização de fluxos de gestão de consequências e a abertura de discussões mais estruturadas sobre performance crítica, conversão e transparência dos indicadores. Ainda assim, a experiência prática mostra que há espaço para avanços mais céleres e mais específicos, especialmente porque a AOF, por sua natureza, não dispõe sozinha de todos os instrumentos de enforcement necessários para corrigir de forma tempestiva comportamentos persistentes e de alto impacto sistêmico.

O monitoramento ocupa papel central na consolidação do Open Finance como uma infraestrutura madura, estável e de alta performance. Mais do que identificar falhas pontuais, um modelo de monitoramento robusto permite acompanhar a qualidade operacional do ecossistema, induzir melhorias contínuas e dar maior transparência sobre o desempenho efetivo dos participantes. Nesse contexto, a evolução do monitoramento também se conecta diretamente ao

debate sobre performance das instituições, tema essencial para garantir reciprocidade entre os agentes e que será tratado a seguir.

1.2. Performance: condição para reciprocidade e entrega de valor ao consumidor

A boa performance das instituições participantes deixou de ser um tema meramente operacional e passou a ser condição central para o sucesso sustentado do Open Finance brasileiro. Em um ecossistema em que a experiência do cliente depende da atuação coordenada de múltiplos agentes, não basta que as instituições estejam formalmente conectadas ao arranjo: é necessário que operem com padrões de qualidade compatíveis com a escala e a maturidade já alcançadas pela infraestrutura, sob pena de comprometer a reciprocidade entre as instituições e a entrega de valor concreto ao consumidor.

Esse ponto se torna ainda mais relevante em um ambiente que já reúne quase 240 milhões de consentimentos ativos e cerca de 800 instituições participantes. Isto é, uma infraestrutura que já atingiu escala suficiente para exigir foco em qualidade, eficiência e equidade de operação, e não apenas em adesão formal às regras.

Quando uma instituição transmissora apresenta baixa conversão, indisponibilidade recorrente, dados desatualizados ou instabilidade operacional, o prejuízo não se limita à sua própria operação: ele se espalha por toda a infraestrutura, compromete casos de uso construídos por terceiros e enfraquece a confiança do consumidor no sistema como um todo.

Superados cinco anos de implementação do Open Finance no Brasil, os dados de monitoramento do próprio ecossistema revelam uma discrepância de performance relevante: enquanto algumas instituições entregam níveis de conversão consistentemente altos, outras seguem operando muito aquém do patamar esperado para uma infraestrutura dessa maturidade.

Essa discrepância evidencia que parte relevante da inovação, do engajamento e da construção de casos de uso de valor tem sido sustentada justamente por instituições desafiantes, ao passo que alguns players incumbentes ainda exibem níveis de performance aquém do desejável em dimensões centrais como conversão, jornada do cliente e disponibilidade. Há, portanto, um desequilíbrio no que tange à experiência ofertada por algumas instituições. É nesse contexto que a Zetta sustenta que a reciprocidade não pode permanecer apenas como princípio abstrato no âmbito do Open Finance.

Discrepância de performance entre instituições: um risco ao princípio da reciprocidade

Os dados do Dashboard do Cidadão apontam que a taxa média de conversão do Open Finance Brasil está em torno de 60%³², sendo que algumas instituições apresentam taxa de conversão inferior a 40%, patamar ainda distante do que se espera de uma infraestrutura que pretende ser base para experiências financeiras recorrentes e escaláveis. Na prática, os dados mostram uma assimetria relevante entre instituições desafiantes e incumbentes, sendo que estes últimos aparecem com desempenho inferior.

³² <https://dashboard.openfinancebrasil.org.br/transactional-data/consents-funnel/receivers>

Essa assimetria também aparece nos dados do “Funil de Consentimentos: APIs de Dados” do Dashboard do Cidadão: ao compararmos a taxa de conversão entre grupos de instituições como transmissoras de dados, identificamos grupos com média de 67%, contra 48% em outros grupos, uma diferença de quase 20 pontos percentuais.

E é justamente esse tipo de assimetria que compromete o funcionamento saudável do ecossistema, na medida em que fere o princípio da reciprocidade que sustenta o Open Finance: a lógica de que toda instituição, ao se beneficiar do fluxo de dados de outras, deve também garantir a mesma qualidade de acesso quando atua como transmissora. O princípio da reciprocidade existe justamente para impedir que o ecossistema se torne uma via de mão única, em que algumas instituições se beneficiam amplamente dos dados de terceiros sem entregar, na mesma medida, dados confiáveis e acessíveis sobre seus próprios clientes.

— Propostas da Zetta

Por essa razão, a Zetta entende que a discussão sobre performance das instituições deve ser tratada como agenda estruturante do Open Finance, e não como tema acessório de monitoramento. Mais do que identificar desconformidades, é preciso criar incentivos concretos para que os participantes melhorem de forma contínua seus indicadores de conversão, disponibilidade, qualidade de dados e estabilidade operacional. Em outras palavras, a lógica do ecossistema precisa evoluir de um modelo predominantemente declaratório para um modelo em que a boa performance seja exigida, acompanhada e, quando necessário, induzida por consequências proporcionais.

Em síntese, a boa performance das instituições não é apenas um objetivo operacional, mas sim um requisito para que o Open Finance cumpra sua promessa regulatória de ampliar concorrência, reduzir fricções e gerar valor real para o consumidor. Sem melhora efetiva da performance dos participantes, especialmente daqueles com maior peso sistêmico, o ecossistema corre o risco de crescer em escopo, mas não em utilidade.

1.3. Os limites do modelo atual de consumo de dados e a urgência de avançar para uma arquitetura mais eficiente

Conforme abordado ao longo do estudo, o crescimento acelerado do ecossistema já se traduz em centenas de instituições participantes, quase 240 milhões de consentimentos, bilhões de chamadas de API processadas por mês, dados que tendem a crescer ainda mais rápido com o aumento do número de pessoas conectadas ao Open Finance e a expansão de casos de uso como portabilidade de crédito e salarial.

Após provar sua relevância institucional e alcançar escala inédita, o principal desafio do ecossistema já não é mais a adesão inicial, mas a capacidade de sustentar crescimento com qualidade, eficiência e valor real para o consumidor. Na visão da Zetta, esse novo momento exige enfrentar um ponto estrutural que passou a limitar o pleno potencial do ecossistema: a ineficiência do modelo atual de consumo de dados, ainda baseado em consultas periódicas (*polling*).

Na prática, o *polling* pressiona a infraestrutura de forma desproporcional ao valor efetivamente entregue ao cliente, gerando falhas de disponibilidade, respostas lentas e dados desatualizados, o que acaba por comprometer a qualidade dos casos de uso. Diante disso, a eficiência e a escalabilidade do modelo de consumo de dados deixam de ser uma discussão técnica de bastidor e passam a ser condição essencial para que o crescimento do Open Finance se converta em valor real, e não em degradação da experiência do consumidor.

— Desafios do modelo de consumo atual (*polling*)

O modelo de *polling* exige que as instituições receptoras consultem periodicamente as transmissoras para verificar se houve alguma atualização nos dados do cliente (e.g. saldo da conta, fatura do cartão de crédito, etc), sem saber previamente se o dado de fato mudou. Esse desenho cria uma volumetria estruturalmente elevada de chamadas que não decorre necessariamente de uso efetivo ou de geração de valor ao consumidor, mas do próprio funcionamento técnico da infraestrutura.

O primeiro problema é a ineficiência intrínseca desse arranjo. De acordo com o relatório técnico da Prova de Conceito (PoC) em Produção de Arquitetura de Mensageria, conduzida entre 17/06/2025 e 14/07/2025, o modelo tradicional de consulta de dados (*polling*) apresentou baixo aproveitamento, com apenas 38,5% das chamadas de saldo retornando dados atualizados ou novos de fato. Ou seja, uma taxa de desperdício de 61,5%.

Com a adoção da arquitetura de mensageria, por outro lado, o índice de aproveitamento das chamadas chega a 85%, com ganhos médios semanais superiores a 50 pontos percentuais em eficiência. Na ocasião, uma das instituições participantes atingiu 99% de efetividade em uma das semanas de teste. Em outras palavras, boa parte da infraestrutura hoje é consumida para repetir leituras que não agregam valor, pressionando rede, processamento, armazenamento e cotas operacionais sem melhorar a experiência final.

Essa ineficiência é ainda mais grave em dados transacionais. Em análise recente, uma das associadas da Zetta verificou que apenas 22,66% das transações de cartão de crédito consumidas mensalmente foram efetivamente aproveitadas, enquanto 77,34% acabaram descartadas. Isso ocorre porque a disponibilização desses dados no ecossistema ainda sofre atrasos relevantes: em média, entre 3 e 6 dias, com casos que podem chegar a 17 dias. Como consequência, as receptoras são forçadas a consultar janelas históricas repetidamente para tentar capturar atualizações tardias e manter os casos de uso atualizados, o que eleva ainda mais a redundância do consumo.

O segundo desafio está na baixa tempestividade dos dados. No caso de saldo de conta, análises utilizadas como *proxy* no debate mostraram que, sob *polling*, o P95 da idade do dado chegava a aproximadamente 14 dias. Isso significa que, em situações extremas, o consumidor pode visualizar informações defasadas, o que compromete a confiabilidade de funcionalidades que dependem de atualização frequente, como agregadores financeiros, jornadas de pagamento e mecanismos de apoio à decisão.

A título exemplificativo, é possível imaginar um cliente que consulta o saldo de sua conta em um agregador financeiro e, com base na informação apresentada, tenta efetuar um pagamento de boleto. A transação é recusada pela instituição transmissora por saldo insuficiente, pois, entre a última atualização captada via *polling* e o momento da tentativa de pagamento, o cliente havia recebido um débito que ainda não constava na base consultada. O dado exibido, apesar de ter sido coletado dentro da janela regular de consultas, já estava defasado, ilustrando como a baixa tempestividade sob o modelo de *polling* pode gerar decisões equivocadas do usuário e frustrar jornadas que dependem de informação atualizada.

O terceiro problema é o bloqueio ao crescimento. A própria Zetta ressalta que os parâmetros operacionais hoje foram calibrados para uma lógica de *polling*. Em endpoints de menor ou média frequência, como investimentos e algumas jornadas de crédito, isso dificulta o consumo diário e prejudica casos de uso que dependem de maior frescor dos dados. Em vez de permitir que o Open Finance evolua com inteligência à medida que a demanda cresce, o modelo atual transforma escala em pressão adicional sobre limites técnicos que já nascem orientados para uma arquitetura menos eficiente.

Por fim, é importante destacar que o modelo *polling* restringe a inovação. Sem uma camada de sinalização de eventos ou mudanças nos dados do cliente, o Open Finance permanece preso a um

modelo reativo, incapaz de suportar com eficiência casos de uso mais sofisticados, como alertas em tempo real, atualização mais rápida de posições e maior personalização da experiência do consumidor. Há ainda um efeito institucional relevante: no modelo atual, as chamadas de API não equivalem, por si só, a valor gerado, porque volumes brutos incluem erros, timeouts, overhead e tentativas exploratórias sem retorno.

Para a Zetta, isso revela a urgência do debate sobre eficiência, ou seja, como corrigir uma arquitetura que induz consumo excessivo e entrega baixo valor por consulta realizada.

— Proposta de avanço para um novo modelo e por que ela é urgente

Na visão da Zetta, a prioridade regulatória deve ser a evolução da arquitetura de consumo de dados para um modelo orientado a eventos, com espaço para soluções como a mensageria.

A urgência desse avanço decorre do próprio ritmo de expansão do Open Finance. As estimativas mostram que cada mês sem evolução amplia o problema, visto que o ecossistema continua crescendo sobre uma base arquitetural desenhada para desperdiçar capacidade. Nesse cenário, em vez de o ecossistema falhar por falta de adoção, o risco passa a ser o oposto: o sucesso do Open Finance pressionar cada vez mais uma infraestrutura que ainda opera com baixa eficiência relativa.

Essa proposta não parte apenas de formulação teórica. A PoC de mensageria realizada em 2025, tomada pela Zetta como evidência concreta de viabilidade técnica, demonstrou resultados expressivos. No endpoint de saldo de conta, a proporção de requisições que retornavam dado novo saltou de 38,5% no polling para 93,4% com mensageria. No mesmo teste, o frescor do dado no P95 caiu de 14 dias para 15 minutos, o que representa redução de 99,9% na idade da informação disponível. Esses números reforçam que há alternativas capazes de reduzir drasticamente chamadas desnecessárias e, ao mesmo tempo, melhorar de forma relevante a qualidade da experiência entregue ao usuário.

Por isso, a Zetta defende que a agenda de evolução do consumo de dados seja retomada formalmente e com urgência, usando os resultados da PoC de mensageria como ponto de partida para o mapeamento de modelos de notificação e outras alternativas viáveis. O objetivo deve ser comparar alternativas a partir de métricas compartilhadas, priorizando eficiência, tempestividade dos dados e escalabilidade.

Essa transição também exige alguns princípios claros. O primeiro é consumir dados apenas quando houver evidência ou probabilidade razoável de mudança, em vez de manter varreduras indiscriminadas. O segundo é assegurar frescor proporcional à necessidade real do caso de uso, para que a capacidade do ecossistema seja alocada de forma mais inteligente. Por fim, é importante revisar os limites operacionais, hoje calibrados para o polling, de modo a não restringir artificialmente soluções mais eficientes.

Em síntese, a mensagem central da Zetta é que o Open Finance precisa tornar o modelo de consumo mais eficiente a partir de uma arquitetura compatível com sua escala atual e futura. A evolução para mecanismos como a mensageria ou outros voltados a notificação de eventos representa, nesse contexto, não apenas um ganho operacional, mas uma condição para preservar a capacidade do Open Finance de seguir entregando competição, inovação e valor concreto ao consumidor em um ecossistema cada vez maior e mais crítico para a infraestrutura financeira brasileira.

Zetta

Novos produtos e agenda evolutiva - Propostas Zetta

Portabilidade salarial, crédito consignado, autenticação assíncrona. Não são apenas siglas técnicas: são as respostas diretas ao que a própria população pediu no capítulo anterior. Aqui, a Zetta detalha os próximos passos concretos para transformar demanda em funcionalidade.

1. Portabilidade salarial

— Contexto e avanços

A portabilidade salarial ganhou novo impulso regulatório com a Lei nº 15.252/2025, publicada em 4 de novembro de 2025, que previu a portabilidade salarial automática como um dos novos direitos da pessoa natural usuária de serviços financeiros.^{33,34} A regulamentação dessa lei veio por meio da Resolução BCB nº 566, de 4 de maio de 2026, que consolidou a disciplina e tornou ainda mais concreto o direito do cidadão ao controle de seu salário, exigindo um processo mais ágil, automatizado e transparente.³⁵

³³ GSGA, "Banco Central e CMN regulamentam direitos da pessoa natural usuária de serviços financeiros — Lei nº 15.252/2025", mai. 2026. Disponível em: <https://gsga.com.br/pt/informativo/banco-central-do-brasil-e-conselho-monetario-nacional-regulamentam-direitos-da-pessoa-natural-usuaria-de-servicos-financeiros-no-ambito-da-lei-n-152522025>.

³⁴ CSMV Advogados, "Análise da Lei nº 15.252/2025", nov. 2025. Disponível em: <https://www.csmv.com.br/boletins/analise-da-lei-no-15-252-2025-enquadramento-juridico-regulatorio-e-impactos-estrategicos-para-as-instituicoes-reguladas-pelo-banco-central/>.

³⁵ LegisWeb, "Resolução BCB nº 566 de 04/05/2026". Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=495234>.

— Desafios

Embora a portabilidade salarial já exista formalmente no Brasil, o fluxo atual é extremamente burocrático e lento, na medida em que exige o preenchimento manual de informações como razão social e CNPJ do empregador. Ainda, o modelo atual depende da atuação de um intermediário (a registradora) para operacionalizar o fluxo e repassar as informações do processo entre o banco folha e a instituição destinatária.

Os números revelam o resultado prático desse desenho operacional burocrático. Em 2025, mais de 50% dos pedidos de portabilidade foram recusados. Apenas entre 2022 e 2024, o Brasil acumulou mais de 10 milhões de pedidos reprovados. Segundo dados da Núclea, a registradora responsável por operacionalizar o processo, 87% dessas recusas ocorrem por inconsistências cadastrais. Ou seja, trata-se de um problema que o Open Finance resolveria automaticamente, já que os dados são validados no momento do consentimento do cliente, e não dependem de digitação manual sujeita a erro ou discricionariedade.

Levantamento mais recente conduzido pela Zetta, com base em dados apurados junto à Núclea entre janeiro de 2025 e março de 2026 (cerca de 603 mil pedidos por mês), aponta um padrão ainda mais grave: mesmo entre os pedidos aprovados, uma parcela relevante nunca chega a ser efetivamente executada. **A taxa média de não execução após aprovação é de cerca de 20% no mercado, mas chega a 60% no caso de algumas instituições.** Além disso, uma análise das associadas da Zetta com base em dados de Open

Finance mostrou que, entre os clientes que solicitaram portabilidade, entre 69% e 79% dos salários continuaram sendo depositados na mesma instituição de origem mesmo após o pedido.

Nesse contexto, cabe destacar a fragilidade do modelo atual em termos de monitoramento e *enforcement* da portabilidade salarial. Diferentemente da lógica de supervisão adotada em iniciativas como o Open Finance, cuja governança conta com monitoramento técnico contínuo e reporte estruturado de indicadores de desempenho por parte das instituições participantes, a portabilidade salarial carece de um mecanismo equivalente que permita identificar, de forma sistemática, quais instituições concentram os maiores índices de não execução, quais motivos de recusa são de fato aplicados na prática e com que frequência, e em que medida o direito assegurado ao cidadão está sendo efetivamente cumprido.

Essa ausência de dados públicos limita a capacidade do próprio regulador de identificar desvios de conduta, dificulta a atuação de associações e entidades de defesa do consumidor, e reduz o incentivo das instituições para aprimorar seus processos internos, já que o descumprimento tende a permanecer invisível aos olhos do mercado e do supervisor.

Esse cenário reforça que o modelo vigente de portabilidade salarial não acompanhou a modernização do Sistema Financeiro Nacional promovida por iniciativas como o Pix e o Open Finance. Enquanto essas soluções eliminaram fricções e prazos históricos em outras frentes do sistema financeiro, a portabilidade salarial permanece amarrada a um processo de até 5 dias úteis de análise, sem

mecanismo de acompanhamento transparente do status do pedido e uma estrutura que carece de monitoramento robusto.

— Propostas da Zetta

A Zetta defende um fluxo alternativo de portabilidade salarial, compatível com a modernização do sistema financeiro, estruturado a partir do ecossistema do Open Finance, em substituição ao modelo atual operado via registradora. A proposta está organizada em quatro eixos centrais.

A associação propõe um consentimento único, que contemple simultaneamente o compartilhamento de dados e a autorização de pagamento, eliminando a necessidade de múltiplas etapas de autorização e reduzindo a fricção na jornada. Uma vez aprovada a portabilidade, o Banco Folha seguiria responsável pela transferência dos recursos à instituição destinatária mediante Pix, já que detém os dados completos sobre valores disponíveis e datas de pagamento.

A proposta prevê a formalização de uma categoria específica de transação no SPI, permitindo transferência imediata da conta-salário via Pix (e não mais via TED) para a conta mantida pelo cliente na instituição destinatária. Para tanto, é importante que as transferências relativas à portabilidade salarial sejam isentas dos limites de valor e horário tipicamente aplicáveis ao Pix, na medida em que o salário naturalmente pode envolver valores mais altos. Para viabilizar esse modelo, a Zetta recomenda ainda a padronização dos motivos de recusa e do processo de pagamento, de modo a garantir transparência e evitar falhas na funcionalidade.

Outro ponto relevante é garantir que o caráter de “salário” da transação seja preservado ao longo de todo o fluxo, com vedação a retenções indevidas e obrigatoriedade de categorização explícita como salário na instituição destino.

Por fim, a proposta prevê um prazo reduzido para a conclusão do pedido de portabilidade no âmbito do Open Finance, inferior a 2 (dois) dias úteis, assim como o reporte transparente de dados relevantes ao longo do processo (e.g. horário da aprovação do pedido, horário da transferência do salário, índice de recusa por instituição, etc). Esses dados alimentariam um monitoramento contínuo de tempos entre crédito e portabilidade, taxas de falha com motivos padronizados, e indicadores de conversão do fluxo por instituição, a fim de dar transparência pública e eficiência à supervisão do produto.

Em conjunto, essas propostas visam preservar a segurança e a previsibilidade do salário do usuário, ao mesmo tempo em que ampliam a inclusão de públicos hoje mal atendidos pelo fluxo atual.

2. Portabilidade de crédito consignado com integração ao Serpro

— Contexto e avanços

Diferentemente da portabilidade de crédito pessoal sem garantia, já em operação desde fevereiro de 2026, a portabilidade de crédito consignado para o servidor público federal segue sob discussão. O lançamento estava originalmente previsto para novembro de 2026,

após um piloto entre agosto e outubro. No entanto, o Banco Central suspendeu o cronograma em razão da necessidade de avançar na integração com o SERPRO/SIAPE.

Essa integração é fundamental não apenas para viabilizar tecnicamente a operação, mas também para simplificar a jornada do cliente. Mais especificamente, a partir da integração com o Serpro, seria possível reduzir o número de etapas na jornada do cliente, ter acesso aos dados necessários para a portabilidade e evitar o preenchimento manual de informações, além de oferecer uma experiência mais rápida e transparente. Dessa forma, a integração contribui para gerar valor efetivo ao produto e para que o Open Finance entregue uma alternativa de portabilidade realmente mais simples e competitiva do que o processo tradicional.

— Desafios

O fluxo inicialmente considerado no cronograma original exige que o cliente transite entre o aplicativo da instituição financeira e o SouGov.br, com duplo consentimento, resultando em aproximadamente dez telas adicionais e um processo mais demorado. Essa fragmentação aumenta o abandono e reduz a conversão.

Além disso, a fim de viabilizar a portabilidade completa do consignado, a instituição proponente precisa de informações como taxa de juros, parcelas remanescentes, valor da parcela, margem consignável, status de averbação e vínculo funcional. No modelo sem integração plena, parte desses dados não é disponibilizada de forma estruturada, o que pode impedir a formulação da oferta ou obrigar o cliente a preencher informações manualmente.

Além dos desafios operacionais destacados, é importante destacar os impactos relacionados ao Ressarcimento de Custos de Originação no contexto da portabilidade. O RCO é pago pela instituição proponente à instituição credora original para ressarcir os custos associados à originação do crédito. Embora não seja cobrado diretamente do consumidor, ele eleva o custo da portabilidade e reduz o espaço para uma oferta com juros menores.

Com base nas tabelas recentes de cobrança do RCO, é possível verificar que os valores variam entre R\$177,00 e R\$2.207,00 em determinadas modalidades³⁶, como a portabilidade de crédito consignado público. Além disso, a depender do valor do contrato e da modalidade do crédito portada, o valor do RCO pode representar até 15% do saldo devedor, evidenciando o potencial de impacto dessa cobrança no bolso do consumidor. Em outras palavras, o valor pago a título de RCO poderia ser revertido em taxas mais baixas para o consumidor.

Nesse contexto, um estudo realizado pela Ecoa Consultoria Econômica em 2025 avaliou o que acontece com o spread bancário quando o valor do RCO se desvaloriza ao longo do tempo. Os resultados mostram que, quanto mais desvalorizado o RCO fica em termos reais, menor é o spread cobrado em operações passíveis de portabilidade: em média, essa desvalorização real reduz o spread em 0,28 ponto percentual, o equivalente a cerca de 16% do spread

³⁶ <https://www2.nuclea.com.br/SAP/INFO-N%C3%9ACLEA%20CTC%20004-2026%20-%20Atualiza%C3%A7%C3%A3o%20Faixa%20de%20Valores%20RCO%20e%20Novo%20C%C3%A1lculo%20-%20Imobili%C3%A1rio.pdf>

médio do consignado (1,75% a.m.). Esse resultado indica que a exclusão do RCO contribuiria para a redução do spread bancário.

— Propostas da Zetta

A Zetta propõe que o cronograma da portabilidade de crédito consignado seja retomado somente após a garantia de integração entre Open Finance e Serpro, a fim de garantir uma jornada simples e fluida para o cliente. A agenda inclui uma jornada com consentimento único no aplicativo da instituição proponente, acesso estruturado aos dados necessários para a oferta da proposta e redução do prazo para a conclusão do pedido. No âmbito econômico, a Zetta defende a exclusão da cobrança do RCO para esta modalidade de crédito.

3. Jornada Otimizada

— Contexto e avanços

A Jornada Otimizada foi concebida para reduzir a fricção do consentimento no Open Finance. Em uma mesma experiência, o cliente pode autorizar o compartilhamento de dados de saldo e limite e a iniciação de pagamentos. A integração busca resolver um problema concreto: permitir que a instituição iniciadora consulte a disponibilidade de recursos antes de tentar realizar um pagamento, reduzindo falhas por insuficiência de saldo e evitando autorizações redundantes.

— Desafios

O principal limite da Jornada Otimizada é seu escopo ainda restrito. A combinação atual de consentimentos não conecta, em uma única experiência, todos os dados relevantes da vida financeira do cliente, como informações cadastrais, transacionais, de cartões, crédito e investimentos. Quando deseja utilizar outros casos de uso, o cliente continua sujeito à criação de novos consentimentos, o que reduz o potencial de escala da solução e impede que o Open Finance funcione como uma conexão mais completa e permanente com sua instituição de preferência.

Há também um desafio relacionado ao modelo de consentimento atualmente adotado. O opt-in exige que o cliente ative expressamente a funcionalidade antes de utilizá-la. Na prática, essa etapa adicional pode gerar desistências e reduzir o uso do produto, especialmente quando o cliente ainda não compreende com clareza o benefício associado à Jornada Otimizada ou não identifica uma razão imediata para habilitá-la.

Há ainda uma questão relativa à porta de entrada da Jornada Otimizada. No desenho atual, a jornada somente pode ser iniciada a partir de um caso de uso de pagamento: quando o cliente decide habilitar uma transação, pode também autorizar o compartilhamento do saldo necessário para sua execução. O fluxo inverso, porém, não está disponível da mesma forma. Ou seja, quando o cliente inicia uma jornada de compartilhamento de dados, não consegue incluir simultaneamente a autorização para iniciação de pagamentos.

Essa restrição limita o potencial da jornada unificada e impede que o cliente conecte sua conta ao Open Finance uma única vez, habilitando, de forma integrada, o compartilhamento de dados e a realização de pagamentos conforme suas necessidades.

— Propostas da Zetta

A Zetta defende a ampliação da Jornada Otimizada para outros dados e casos de uso relevantes, preservando uma experiência de baixa fricção. A proposta é que o cliente possa iniciar a conexão a partir de uma jornada de pagamentos ou de compartilhamento de dados e, mediante uma autorização integrada, habilitar os dados necessários para diferentes serviços, sem precisar repetir redirecionamentos e consentimentos a cada nova finalidade. Além disso, a associação propõe a ampliação do escopo de dados compartilhados na jornada Open Finance, incluindo dados relativos a outros produtos financeiros além da conta.

Mais especificamente, a Zetta propõe a adoção de um modelo de opt-out em substituição ao opt-in atualmente registrado no desenho regulatório. A avaliação é que o opt-in reduz a adesão, a conversão e a escala da Jornada Otimizada, ao exigir uma ação adicional do cliente mesmo quando o compartilhamento é necessário para executar uma funcionalidade que ele já escolheu utilizar. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de uso de regras de UX a fim de garantir transparência e comunicação objetiva junto ao cliente em relação ao que será compartilhado.

4. PJ e CIBA e autenticação assíncrona

— Contexto e avanços

Apesar do crescimento expressivo do Open Finance entre pessoas físicas, a adesão de empresas ainda é incipiente e a jornada de pessoa jurídica continua exigindo simplificação, especialmente nos casos que envolvem múltiplos sócios, representantes e diferentes níveis de poderes. Em 2025, o ecossistema registrou aproximadamente 403,2 mil consentimentos de empresas como receptoras de dados e 406,7 mil como transmissoras, volume ainda reduzido diante da escala alcançada pelo Open Finance.

O CIBA (Client Initiated Backchannel Authentication) é um padrão da OpenID Foundation, integrado ao Financial-grade API (FAPI), que separa a solicitação do consentimento da etapa em que o cliente efetivamente o autoriza, permitindo que a aprovação ocorra de forma assíncrona no canal de confiança do usuário, sem o tradicional redirecionamento entre aplicativos.³⁷ No Open Finance brasileiro, o tema voltou a ganhar tração como possível mecanismo para simplificar a jornada de consentimento de pessoas jurídicas e evitar fricções excessivas no processo, especialmente quando mais de uma pessoa precisa aprovar o compartilhamento de dados.

— Desafios

Ainda que tecnicamente madura em outros mercados, a adoção de um fluxo assíncrono como o CIBA no Open Finance brasileiro depende de discussão e priorização no âmbito do Conselho de

³⁷ Opus, "Gestão de consentimento Open Finance: FAPI e CIBA". Disponível em: <https://www.opus-software.com.br/gestao-de-consentimento/>.

Administração e dos grupos técnicos da Associação Open Finance, o que compete por atenção e recursos de desenvolvimento das instituições participantes com outras frentes da agenda regulatória. O ponto em aberto para a Zetta é justamente essa priorização relativa: o CIBA tem potencial relevante para casos de uso como a jornada de pessoas jurídicas, de modo a reduzir o abandono do consumidor ao longo do processo, mas ainda não está claro se o tema avançará no ritmo e na prioridade que sua relevância potencial justificaria.

O principal desafio deixou de ser demonstrar a viabilidade conceitual do CIBA e passou a ser definir sua prioridade relativa, seu sequenciamento e as condições para a realização de um piloto efetivo que garanta o lançamento da jornada com qualidade.

— Propostas da Zetta

A Zetta defende o avanço do CIBA para simplificar e tornar mais fluida a jornada do cliente, especialmente em casos de uso PJ. Esse avanço deve ser acompanhado de um cronograma com marcos e prazos factíveis e compatíveis com a capacidade de implementação das instituições.

Para garantir o bom funcionamento da solução desde o seu lançamento, a Zetta propõe um piloto faseado, orientado à qualidade técnica, com responsabilidades claras e equilibradas entre os agentes participantes, métricas de sucesso definidas com antecedência e reporte transparente. O desenho deve preservar a baixa fricção do CIBA e permitir o reaproveitamento da infraestrutura e dos consentimentos em outras jornadas. Todos esses processos são essenciais para garantir a adesão efetiva pelo público PJ.

Zetta

Conclusões da Zetta sobre os próximos passos

Depois de cinco anos provando que funciona em escala, o Open Finance chega a um novo teste: o da qualidade. Eficiência de dados, performance entre instituições e uma agenda guiada pelo que o consumidor de fato quer. A Zetta fecha o estudo com um recado direto sobre o que vem a seguir.

Cinco anos após seu lançamento, o Open Finance brasileiro consolidou-se como uma das infraestruturas de dados financeiros mais avançadas do mundo, hoje com quase 240 milhões de consentimentos ativos e cerca de 800 instituições participantes, processando dezenas de bilhões de chamadas de API por mês. Essa trajetória de crescimento, somada ao reconhecimento de organismos internacionais como CGAP, BIS e FMI sobre o papel do sistema na redução do custo de crédito e no fortalecimento da concorrência, confirma que o modelo brasileiro atingiu um patamar de maturidade e relevância que já serve de referência global.

Ao mesmo tempo, a pesquisa AtlasIntel conduzida para este estudo revela que esse sucesso de escala ainda não se traduz em compreensão plena por parte da população: apesar de 81,9% já terem ouvido falar do Open Finance, apenas 21% se consideram bem informados sobre seu funcionamento, e metade dos respondentes desconhece

funcionalidades já disponíveis, como a portabilidade de crédito com juros menores. A pesquisa também deixa clara a direção que a população espera do ecossistema, priorizando portabilidade salarial (41,7%), e rejeita, de forma esmagadora (81,2%), qualquer modelo de cobrança entre instituições.

À luz desses achados e dos desafios operacionais detalhados ao longo deste estudo, a Zetta entende que o Open Finance está diante de uma nova fase de maturidade, na qual os desafios já não dizem respeito à adesão inicial, mas sim à qualidade, eficiência e equidade da operação cotidiana do ecossistema. Três frentes se mostram decisivas para essa nova fase:

Eficiência da arquitetura de consumo de dados. O modelo atual, ainda baseado em polling, gera volumetria desproporcional ao valor entregue: evidências da PoC de mensageria mostram que **até 61,5% das consultas retornam dados sem qualquer novidade, enquanto a migração para um modelo orientado a eventos elevou de 38,5% para 93,4%** a proporção de requisições com dado novo, reduzindo o frescor da informação de 14 dias para 15 minutos. Para a Zetta, resolver essa ineficiência estrutural deve preceder qualquer discussão sobre novos modelos de custeio baseados em volume bruto de chamadas.

Monitoramento e performance como condição de reciprocidade. A discrepância de conversão entre instituições, com média de 57%, casos abaixo de 40% e conexões específicas operando entre 21% e 25%, mostra que a reciprocidade prevista no desenho regulatório ainda não se traduz em prática uniforme.

A evolução para um monitoramento mais automatizado, com triagem robusta, alertas e mecanismos de escalonamento de casos críticos ao Banco Central, é pré-condição para que o ecossistema evolua de um modelo declaratório para um modelo orientado a resultados.

Agenda evolutiva orientada pela demanda real do consumidor.

A priorização regulatória de portabilidade salarial, portabilidade de crédito consignado (condicionada à integração SERPRO/SIAPE), ampliação da Jornada Otimizada e avanço do CIBA como mecanismo de autenticação assíncrona, especialmente para o público PJ, ainda incipiente no ecossistema, deve seguir a hierarquia de desejo já demonstrada empiricamente pela população, e não apenas a conveniência operacional das instituições incumbentes.

A Zetta reitera sua disposição de seguir contribuindo, com dados e propostas técnicas, para o aprimoramento contínuo do Open Finance brasileiro, e espera que este estudo sirva de subsídio para o debate entre reguladores, instituições participantes e sociedade civil sobre os próximos passos do ecossistema.

Referências Bibliográficas

- Babina, T., Bahaj, S., Buchak, G., De Marco, F., Foulis, A., Gornall, W., Mazzola, F., & Yu, T. (2025). Customer data access and fintech entry: Early evidence from open banking. *Journal of Financial Economics*, 169, 103950.
- Banco Central do Brasil. (2025). Relatório de Cidadania Financeira 2025. Banco Central do Brasil.
- Banco Central do Brasil. (2025). Relatório de Estabilidade Financeira, 24(1).
- Casolaro, A. M. B., Rauber, G. N., & de Lima, U. S. M. (2025). Open banking: A systematic literature review. *Journal of Banking Regulation*, 26(3), 340–355.
- Dias, D., Mazer, R., & Jeník, I. (2026). Open finance oversight and supervision: Emerging practices and early lessons. CGAP Working Paper.
- Eroglu, H., Cornelli, G., Frost, J., Rühmann, F., & Shreeti, V. (2026). Opening doors to open finance: Evidence from the international experience. *BIS Papers*, 168.
- Fang, J., & Zhu, J. (2023). The impact of open banking on traditional lending in the BRICS. *Finance Research Letters*, 58, 104300.

Referências Bibliográficas

International Monetary Fund. (2026). Brazil: Financial system stability assessment. IMF Country Report No. 26/192.

Ma, X. (2026). Open banking and competition in banks and fintech: Evidence from mobile apps. Job Market Paper, London School of Economics and Political Science. Available here: https://xincheng-ma.github.io/files/JMP_XinchenMA.pdf

Nam, R. J. (2023). Open banking and customer data sharing: Implications for fintech borrowers. SAFE Working Paper No. 364.

Ornelas, J. R. H., Oliveira, R. F., & Schechtman, R. (2025). Private credit bureaus and positive information sharing: Effects on credit cost? Banco Central do Brasil Working Paper Series, 624.

Xie, C., & Hu, S. (2024). Open banking: An early review. Journal of Internet and Digital Economics, 4(2), 73–82.

Yu, T. (2025). Data as collateral: Open banking for small business lending. Annual Conference of the Banco Central do Brasil.

Robisco, A., Carbó, J. M., Cuadros-Solas, P., & Quintanero, J. (2025). The effects of open banking on fintech providers: evidence using microdata from Spain.

Hjelkrem, L. O., De Lange, P. E., & Nettet, E. (2022). The value of open banking data for application credit scoring: Case study of a Norwegian bank. Journal of Risk and Financial Management, 15(12), 597.

Expediente

Autora

Letícia Novaes

Coordenação

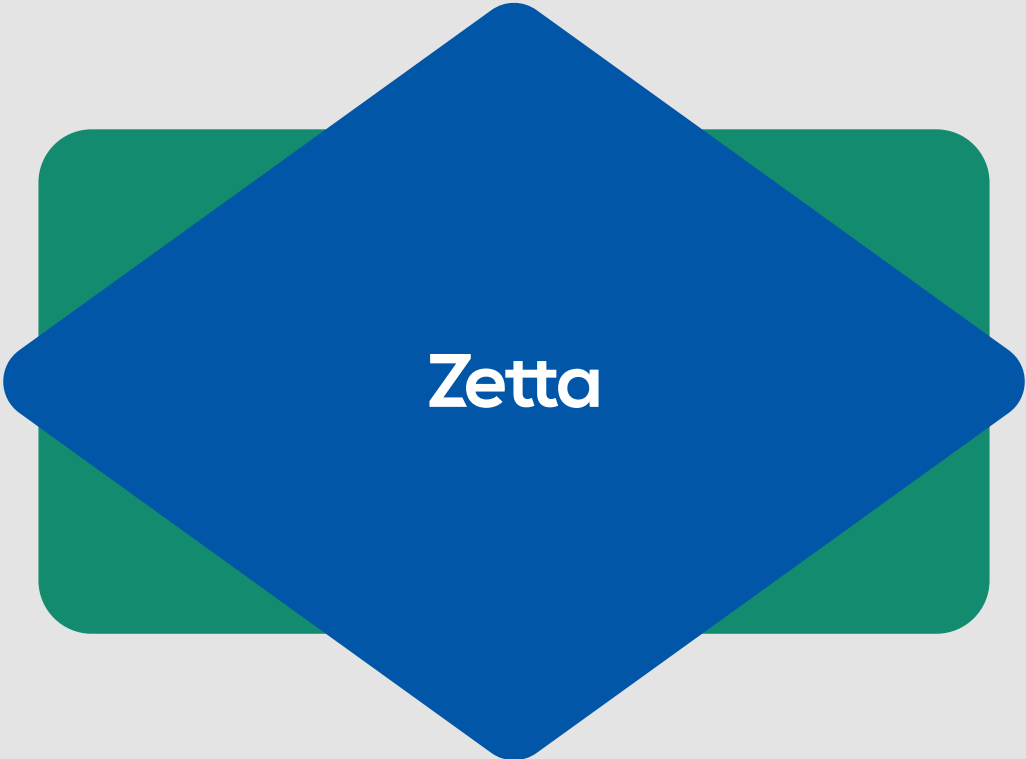
Ricardo Barboza

Colaboração

Pedro Lipkin

Pesquisa

AtlasIntel

The logo features a blue diamond shape centered over a green rounded rectangle. The word "Zetta" is written in white, bold, sans-serif font in the center of the diamond.

Zetta